

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIII - N.º 440 - Melgaço, 1 de Janeiro de 1970 * Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Telex 22455 - Braga

Pelo Hospital e Lar de S. José

CENTENAS DE MELGACENSES passaram pelos serviços do hospital, durante o ano...

Muitos, de fora do concelho...

O nosso Director...

A Primavera veio mais cedo...

Com a estima do Concelho...

Durante o ano de 1969, foram muitos os Melgacenses que passaram pelos serviços do nosso hospital e dele se serviram. Pela Maternidade, pelo Banco, pelas enfermarias, etc. Uma nota agradável: não soubemos de reclamações. E apesar de se terem aberto no concelho vários quilómetros de estrada, de maneira que os srs. Médicos podem ir pelas aldeias prestar os seus serviços às parturientes (o que para as famílias é, muitas vezes, mais cómodo, pois não falta o aconchego do lar) e apesar de se ter sentido na nossa terra o grande abalo da quebra do franco (as Finanças reduziram até a contribuição do comércio) e muitos ainda preferirem o carinho da comadre e vizinha, que *lhes é feito de graça* o que no hospital nem sempre pode ser, o movimento, como um dia veremos, foi grande.

O que interessa ao Concelho é que os serviços do hospital tenham um bom Director Clínico, boa enfermagem, bons serviços, para quem os deseje aproveitar. Ora o hospital aí está devidamente pronto, a prestar todos os seus serviços. Nem sabemos de reclamações. *Isto nos basta!*

★

O nosso Director Clínico, Sr. Dr. Esteves.

Ainda não está feita a história deste grande Médico. Ele seria grande em qualquer cidade do país, se quando iniciou a vida profissional, resolvesse dedicar-se ali ao serviço dos doentes. Seria grande. Ainda um dia esperamos trazer para aqui alguns dos grandes casos do Sr. Dr. Esteves.

Devem-lhe muito no nosso concelho os nossos Pobres. Os pobres de todos os partidos, médicos da nossa terra. Deve-lhe muito sobretudo o nosso hospital. Baste dizer-se que ainda se está a dar-lhe uma modestíssima lembrança de 600\$00 anuais, como, desde há muitos anos, se tem feito. E nunca o Sr. Dr. nos falou em honorários.

Ao longo duma vida dedicada ao hospital, ele assegurou sempre o dia-a-dia do mesmo, sem olhar a horários, noite e dia, quer chegasse de serviço, de Castro, da Gaviéria ou de Penso.

É natural que aqueles que podem, paguem os seus serviços, já que o hospital praticamente quase nada dá. É natural e justo. Se o exigisse, quanto teríamos que dar por mês? A Mesa basta que todo o serviço dos Pobres e sem horários, a qualquer hora do dia e da noite, esteja plenamente assegurado.

O Sr. Dr. Esteves é modesto. Sabemos que não quer homenagens. Mas a vida deste grande homem tem um dia de se dizer ao concelho.

Somos cerca de 18.000 melgacenses. E podemos afirmar que todo o concelho admira e venera o Sr. Doutor. Se houvesse meia dúzia contra, ainda que escrevessem em jornais, *nada são*, perante o respeito e o carinho de cerca de 18.000 melgacenses. E isto é tudo.

E que bela lição: — a alguns, raros, ou famílias, seis, se tantos, Ele, o Sr. Dr. Esteves, que repito, seria grande em qualquer cidade do País, tem ido levar a riqueza da sua cultura e do seu carinho. Foi ele o médico preferido nas suas doenças.

A época do Sr. Dr. Esteves no nosso hospital e no nosso concelho ficará como uma época de ouro. O concelho sabe-o.

★

E a Primavera veio mais cedo.

Sim. Mais cedo. A freguesia de Paderne, sob a direcção dos seus estimados Prior e Professor Pinho, e pelas gentins mãos de algumas meninas, veio trazer-nos ao Lar muita riqueza, em roupas, cobertores, calçado, etc. O que isto representa de ternura e de carinho. Foi a 1.ª freguesia.

(Continua na 4.ª página)

“ÚLTIMA LIÇÃO”

pelo P.º JÚLIO VAZ

«É da definição de escritor: — só o será aquele que, com escrupulosa propriedade e energia, usa das palavras para exprimir os seus conceitos.

Pois vem a propósito citá-lo, quando acabamos de ler mais este livro do P.º Júlio Vaz: — «Última Lição».

De facto, o escritor, o pedagogo, o jornalista, está aqui todo inteiro, desde a vernaculidade à precisão e à coragem. Esta até se transforma em «sigla» de seu carácter, já neste livro como em quantos manam de seu labor intelectual, e social, como homem que quer fazer parte de uma autêntica «nova geração», no que os termos representam uma constante do nosso tempo.

Este, o autor.

Agora o livro.

«Última Lição», acabado em 1967 — precisamente em dia da Purificação de Nossa Senhora — apareceu só agora, em 69.

O facto poderá prender-se com dificuldades de vária ordem, que não vem para aqui dissecar. Mas reflectirá, porém, os cuidados postos na sua edição e no contexto das citações que o documentam integralmente. Que o valorizam, sem lhe tirarem os dotes de originalidade.

Outro pormenor a apontar, e dentro do sector da crítica em que nos colocamos, está na oportunidade das suas páginas. Integrando-se no pensamento do Concílio Vaticano II — e registando uma fiel obediência, sem menoscabo por um pendor intelectual com orla de independência que também caracteriza o autor — o livro do P.º Júlio Vaz pode ser uma trave-mestra, na ambiência em que se situa, para a construção de um «tipo» de Seminário novo que ajude a solucionar os problemas da «desorientação, defecções, e quebras», que afectam os sacerdotes na sua missão de serem os «construtores» de um mundo melhor.

Só isso bastava para lhe encarecer o mérito.

Mas há mais a destacar. Para além do tecnicismo — no que teve principal contributo a larga experiência de pedagogo e de professor — alguns temas deste livro, ousado e frio na sua objectividade, (como competia a um homem responsável e do «seu tempo») envolvem um sentido de «tese» que, sem pretender atingir os favores de um «dogma», dá matéria para estudo dos superiores, que não queiram ser ultrapassados, ou vencidos. Assim, desde o primeiro capítulo de doutrina propriamente expressa: — «Que penso dos seminá-

rios menores», até o «Outro «sexo» que nos acompanha», passando com visível cuidado, por «Afectividade», há problemas imensos a tratar.

Há caminhos a seguir. Há desvios a corrigir. Há, sobretudo, uma «actualidade» que ninguém pode ocultar, para não cair no idiotismo que nós também conhecemos na pele e na alma de «seminarista», tatuado pela incompreensão de alguns superiores, mais feitos de piedade que de saber das consciências.

Além de bem escrito, e corajoso, «Última Lição» é, diga-se no mesmo jeito de coragem, um grande livro, embora de 93 páginas, para uma mais completa formação sacerdotal.

J. C.º

N. da R. — «Correio do Minho», de 17 de Dezembro, publicou esta apreciação do último livro do nosso Director, da autoria do escritor e jornalista Jerónimo de Castro.

O Santo da Quinzena

Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo

Ao Rei dos Santos, ao autor de toda a justiça e santidade, é dedicado o 1.º dia do Novo Ano.

A Igreja celebra neste dia a memória da Circuncisão de Jesus, mistério que merece toda a veneração e amor. O Evangelho relata o acontecimento do modo seguinte: «Oito dias depois de nascido, circuncidaram o Menino e deram-lhe o nome de Jesus; nome, que o Anjo já lhe tinha dado antes de concebido».

Quatro centos anos antes da promulgação da lei mosaica, Deus tinha prescrito a circuncisão a Abraão e seus descendentes. Devia ser o selo da aliança feita entre Deus e Abraão e seus filhos; A confirmação das promessas que Deus fizera a Abraão, ao pai dos fiéis; o sinal distinto dos judeus, no meio dos infiéis. A circuncisão era o sacramento principal e mais necessário do Antigo Testamento. Era a condição essencial da incorporação ao Povo eleito de Deus.

A circuncisão desarma a argumentação dos maniqueus e de outros herejes, que negavam em Jesus Cristo a existência de um corpo real, igual ao nosso.

Revestindo-se da nossa nature-

DONATIVOS

para o Hospital e Lar de S. José

Nesta quadra do Natal, tem chegado aqui mais donativos de alguns amigos das nossas casas caridade.

Confessamos a nossa falta. Quase todos aqueles que se encontram à frente destas Casas, pelas épocas de Natal e Páscoa, costumam mandar um cartão, a lembrar a obra e pedir um donativo. Não o temos feito, se bem que tantas vezes fosse preciso recorrer a uma ajuda.

Pois desta vez, tivemos conosco muitos amigos. E assim, de um generoso anónimo de África, mais 500\$00, do Sr. Professor Manuel José Rodrigues, mais 200\$00, de um generoso anónimo, do Rio, mais 100\$00, do Sr. Professor José Augusto Lourenço, mais 100\$00, do Padre Júlio Vaz, de Braga, mais 100\$00, do Sr. Ezequiel da Vale muita roupa e calçado, da Sr.ª D. Rosinha, de Golães, mais uma vez, muita carne e doce, duma Senhora da Barbosa, mais 100\$, do Sr. Regedor de Cristoval, Sr. Marques, mais 20\$00, dum generoso anónimo, da Calçada mais 500\$00; da nossa estimada caseira boa quantidade de polvo e

(Continua na 4.ª página)

za, seu sofrimento não foi imaginário, mas real, como o de nós todos.

Pelo seu exemplo, veio Jesus Cristo mostrar, que não tinha intenção de abolir, mas cumprir a antiga lei. Finalmente, é a Circuncisão uma prova do amor a nós. A Circuncisão é garantia da salvação, que Jesus Cristo mais tarde ia realizar e realizou no altar da cruz. Além disto queria Jesus dar um exemplo de paciência e de humildade aos pecadores, que mostrando-lhes que sendo o Senhor de todos, se humilha à condição de pecador, sofrendo na carne inócua as dores mais pungentes. Menino ainda pelo exemplo, convidá-nos à imitação, como mais tarde nos chama a si, dizendo: «Aprendei de mim. Eu vos dei um exemplo, para que façais como tenho feito».

Os Santos tiveram um grande respeito e profunda veneração ao SS.mo Nome de Jesus. Era-lhes conforto nas lutas, consolo nas tribulações, escudo contra os inimigos da alma.

Hoje, é o primeiro dia do Novo Ano. Jesus o inicia e abençoa com as gotas do seu sangue! Que pretendes fazer ho-

(Continua na 4.ª página)

Várias Notícias da Vila

Futebol — No Campo de Jogos do «Monte de Prado» desta Vila, realizou-se no passado dia 14, um desafio de futebol entre as equipas do Sport Clube Courense (Paredes de Coura) e o Sport Clube Melgacense, terminando o encontro com um empate a duas bolas.

Sob a arbitragem do sr. Augusto Domingues, as equipas alinharam da seguinte forma:

Sport Clube Melgacense — Narciso; Dantas, Castro, Regueira e Ringo; Abílio e Zé Luis, (Luis Filipe); Albano, Fernando, Domingues e Zé Alberto.

Sport Clube Courense — Rodrigues; Fernando, Romeu, Osvaldo e Reinaldo; Eugénio e Mocho; Cerqueira, Pereira, Barreiro e Brito.

Marcaram pelos locais: Fernando e Albano e pelos visitantes, Pereira e Brito.

Jogo de fraco nível técnico, da parte das duas equipas, assistindo-se apenas a um bom jogo durante os primeiros vinte minutos. O primeiro golo dos «donos da casa» dosorientou a equipa visitante, e esta descontrolada, não jogava nem deixava jogar.

O empate considera-se justo, por não existir superioridade de qualquer equipa.

A arbitragem foi excelente.

A. L. P.

Falecimentos — Na sua residência da Avenida Salazar desta Vila, faleceu no passado dia 23, o nosso conterrâneo, sr. Emílio Augusto Igrejas, viúvo de 75 anos de idade, antigo motorista desta praça.

O extinto, era pessoa de respeitabilidade pelas suas qualidades de carácter, bondade e trabalho, que sempre o impuseram à geral consideração, no meio em que vivia.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte, foi largamente concorrido por muitas pessoas de todas as categorias sociais desta vila e outras localidades, a Confraria das Almas e um piquete dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, que prestou as devidas honras.

Conduziu a chave da urna, seu sobrinho, sr. Emílio Fernandes de Sousa.

A toda a família em luto, especialmente a seu sobrinho, apresentamos o nosso cartão de sentidas condolências. — C.

— Na Casa de Saúde da Ordem da Lapa, da cidade do Porto, onde se encontrava internada, faleceu após ter sido submetida a uma intervenção cirúrgica, a nossa conterrânea, sr.ª D. Rosa Hermínia Rodrigues Pereira, de 69 anos de idade, viúva do saudoso comerciante e Proprietário desta vila, sr. José Maria Pereira.

No próximo número, daremos notícia mais circunstanciada.

Dr. Luís Domingues
CLÍNICA MÉDICA

Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415 **PORTO**

— Na sua residência da cidade de Orense (Espanha) faleceu há dias o sr. D. Júlio Borrajo Diaz, Dg.º Inspeção da Polícia naquela cidade.

O Senhor D. Júlio era pessoa muito conhecida e estimada nesta vila, pelos seus dotes de carácter, bondade. Fez parte de vários espectáculos em benefício do Hospital desta vila.

No seu funeral, incorporaram-se algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais, sendo algumas de elevada categoria do funcionalismo de Espanha.

A urna do extinto foi coberta com a Bandeira Nacional daquele País.

«A Voz de Melgaço», sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, as mais sentidas condolências.

— O sr. José Maria da Cunha, de 40 anos, natural de Chaviães, filho da sr.ª Alzira da Nazaré da Cunha, casado com a sr.ª Valentina Ramos da Cunha, faleceu em FRANCFORTE (Alemanha).

O féretro chegou a Lisboa em 5 do corrente por via aérea, tendo sido acompanhado, por sua esposa e seu primo Amadeu Augusto Alves, o funeral realizou-se em 6 do corrente às 15 horas para o cemitério do Alto de S. João em Lisboa.

Posse — No passado dia 19, na Câmara Municipal deste Concelho, tomou posse do cargo de médico Veterinário, o sr. Dr. Fernando José da Costa Nunes, natural de Cascais.

Ao acto assistiu o sr. Dr. Teodósio Marques Antunes, Delegado Intendente em Viana do Castelo e muitos funcionários desta vila, que no final felicitarão o empossado.

Desejamos ao novo médico veterinário as maiores facilidades no desempenho das suas funções.

Vindo do Canadá — Chegou a esta Vila, vindo do Canadá o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Duarte Lourenço.

Os nossos cumprimentos.

António José Alves — A Bordo do Paquete Infante D. Henrique, partiu em missão de soberania para a nossa província ultramarina de Moçambique, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António José Alves, 2.º Sargento, que até esta data prestava serviço no R. A. P. 2 em Vila Nova de Gaia.

Desejamos-lhe boa viagem e feliz regresso.

Vindos do Ultramar — Após dois anos no cumprimento da sua missão de soberania na nossa província de Cabo Verde, chegou a esta Vila, o nosso amigo e conterrâneo, sr. Alferes Dr. Júlio Pires, filho da sr.ª D. Idalina Correia Pires.

— Também da província de Moçambique, regressou a esta vila, o nosso conterrâneo, sr. José David Rodrigues Teixeira, 1.º Tenente da Armada, na especialidade de Fuzileiro, que ali esteve durante dois anos.

— De Angola também regressou a esta Vila, o nosso conterrâneo, sr. João Magno Pereira de Castro, Furiel Miliciano, que naquela província

esteve durante dois anos em missão de soberania.

A todos, os nossos cumprimentos de boas vindas.

Vindo da Alemanha — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, vindo da Alemanha Ocidental, o nosso amigo, sr. Armando Vaz, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria de Fátima Esteves Vaz.

A este nosso amigo e a sua esposa, que se encontram de visita à sua família no lugar do Ramo, freguesia de Cris-tóval, apresentamos os nossos cumprimentos.

António de Araújo — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Sofia de Araújo, encontra-se no lugar da Granja, freguesia de Alvaredo, o nosso estimado assinante, sr. António Araújo, residentes em Lisboa.

Arménio de Melo — De visita à sua família, tivemos o prazer de ver entre nós, o nosso conterrâneo, sr. Arménio de Melo, Sub-Chefe da P. S. P. em Braga, acompanhado de sua esposa e filhos.

Os nossos cumprimentos.

D. Esmeralda Gomes Gonçalves — Acompanhada de sua filha, menina Ana Maria Gomes Gonçalves, tivemos o prazer de ver nesta Vila, a sr.ª D. Esmeralda Gomes Gonçalves, esposa do nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. José Gonçalves, residentes em Angola.

Aquela Senhora e filhinha que partiram de avião para aquela província ultramarina, apresentamos os nossos cumprimentos, desejando-lhes boa viagem.

Menina Rosinha — No dia 26 de Dezembro, fez quatro primaveras, a gentil Menina, Rosinha Maria de Castro, filha do nosso estimado amigo, sr. Henrique Alves de Castro e de sua querida Esposa, que há pouco inauguraram uma casa no Santo Cristo e agora vivem em França. À menina Rosinha, tão longe, muitos beijinhos, com os votos duma vida cheia de felicidades, no Senhor.

Aferidor de Pesos e Medidas — Após ter concorrido e tendo obtido boa classificação, foi nomeado Aferidor de Pesos e Medidas da Câmara Municipal de Melgaço, o nosso conterrâneo, sr. Armando de Sousa.

Desejamos-lhe as maiores facilidades no desempenho das suas funções e os nossos parabéns.

Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 } Telef. 28241/5 } (6 linhas)
29474 }
DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 } 21861 }
Praça Almeida Garrett, 6 } 28241 }
17 - Rua de Sá da Bandeira - 19 } 53452 }
R. Fernandes Tomás (Edif. Euro) } 28241 }

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53
a abrir brevemente) Rua 1.º de Dezembro, 82

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:

Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Para o Ultramar — Em missão de soberania partiu para a nossa província ultramarina da Guiné, o nosso conterrâneo, sr. Alferes Joaquim António Rodrigues.

A este nosso conterrâneo e jovem oficial, desejamos boa viagem e muitas felicidades.

Dr. Cândido Sá — Tivemos o prazer de ver nesta Vila, o Ex.º Senhor Dr. Cândido Sá, Dg.º Delegado de Saúde Distrital.

Ao distinto médico, que nesta Vila, já exerceu o cargo de Sub-Delegado de Saúde, apresentamos os nossos cumprimentos.

Para o Porto — Após terem passado uma temporada nesta Vila, partiram para a sua residência da cidade do Porto, as Ex.ºs Senhoras, D. Palmira Pires Teixeira e D. Alice Andrade de Oliveira.

Desejamos que tivessem boa viagem.

Afonso Lares — Após ter passado uma temporada nesta Vila, partiu para Lisboa o sr. Afonso Lares, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Helena Fernandes Pinto Lares, nossa estimada assinante.

Desejamos que fizessem boa viagem.

D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires — Por via aérea, partiu para a nossa província ultramarina de Angola, para junto de seu marido, sr. Alferes Engenheiro António Manuel Pires, que ali se encontra em missão de soberania, a sr.ª D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires e seu filhinho António Maria.

Desejamos-lhes boa viagem.

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Casa Pires

de Caetano Pires

Materials de construção civil, acessórios agrícolas
adubos químicos e Tractor aos melhores preços
Transporta todos os materiais para qualquer
localidade.

PARADA DO MONTE — MELGAÇO

Sociedade

Aniversários

Fazem anos — Hoje: D. Flaviana dos Anjos Soares Moreira, D. Leonor Rodrigues Teixeira, António Soares e António da Conceição Carvalho; Amanhã: D. Albertina de Jesus Domingues Pereira de Castro, D. Estefânia Alves Pinto e a menina Carolina Rosa Martins Moreira; Dia 3: Belarmina Rosa Vaz; Dia 5: José Justino Gomes de Sousa; Dia 6: D. Filomena da Conceição Rodrigues Vieites e a menina Rosa Maria Pereira Rodrigues; Dia 9: D. Ruth Belger Alves Sam-Payo e o menino António Rui Esteves Solheiro; Dia 10: D. Zulmira Augusta Dantas Domingues; Dia 11: Mário Francisco de Araújo e o menino Sérgio Rui Saavedra Marinho; Dia 12: O menino Alvaro Jorge Saavedra Marinho; Dia 13: D. Maria Elvira Barbeitos Ribeiro de Figueiredo e Castro Silva, Abílio Domingues e Justino Vieites de Carvalho, e o jovem Manuel Luís Gonçalves Merim; Dia 14: D. Hélia de Jesus Anselmo Pereira de Castro, e as meninas Carolina Júlia Esteves Solheiro, Maria da Encarnação Pereira e Maria do Sameiro de Sousa Cerqueira; Dia 15: José Vaz Moreira.

Parada do Monte

NASCIMENTO — Deu à luz uma criança do sexo feminino a Sr.ª Maria Pereira, esposa do sr. Caetano Rodrigues, do lugar do Tablado.

— Vindos de França chegaram os Srs. Aníbal Vieites, Justino Pereira, Mário Afonso, José Esteves da Costa, José Esteves, Justino Carvalho, Manuel Domingues Trigueira, Manuel Pires, José Pires, José Rodrigues e filho, Constantino Pires, Justino Alves e filho, José Rodrigues da Costinha, António Esteves, José Pires, Manuel Afonso, Júlio Afonso, Perfeito Rodrigues, Armando Alves, Manuel Afonso. Estes homens e rapazes vieram passar as festas do Natal com suas famílias, e ao mesmo tempo descansar alguns meses junto dos seus familiares. O tempo continua frio e por vezes chuvoso.

Para terminar o ano, estimamos a todos os assinantes de «A Voz de Melgaço» e colaboradores e a todo pessoal muito boas festas do Natal e uma feliz entrada do Ano Novo.

CONVERSANDO

À Saída da Missa

— Ó compadre, já ouviu falar da Jujú?

— Qual Jujú? É alguma gata?

— Qual história?! É a Julinha Torres, filha dos donos da Quinta Nova!

— Ah, já sei! Mas então porque me perguntas pela Jujú, se Jujú não me parece nome de gente?! Tivesses-me falado da Julinha, que já eu entendia logo às primeiras!

— Pois sim, mas é que o compadre não sabe que era assim que a tratavam! Parece que é moda, agora, *desbaptizar* as pessoas! O compadre não imagina! O ano passado, quando estive na praia, tudo eram *Fifis, Lulús, Quinhas e Mimis!*

— Não sei! Tudo isso poderia ser muito bonito, mas eu acho que, quando se dá o nome dum santo ou duma santa a uma criatura, é para ele o usar sempre, para a chamarem por ele, e não para lhe pôrem quantos nomes de cães e gatos há por esse mundo fora! Mas deixemos isso: cada qual como do que gosta! Que foi, então, que aconteceu à Júlia?!

— Não sei se o compadre se lembra de que ela casou com um peralvilho qualquer da cidade, um sujeito que apareceu aí, por alturas da festa da Vila...

— Bem sei, bem sei! Por tal sinal que, segundo também se disse, a Julinha deixou de casar com um rapaz tão bom, que era mesmo a forma para o seu pé, para ir assim a reboque desse tal peralvilho!

— Pois sim! Mas é que este andava todo sério e almiscarado, sabia dançar e fazer salamaleques, e o pobre do Luis era um homem sério e de trabalho, mas não estava afeito a essas macaquices!

— Já notei, compadre, que mesmo as raparigas da aldeia se deixam embeigar mais pelas aparências do que pelas realidades!

— É cá e em toda a parte! Também há quem escolha as maçãs pela casca..., mas veja lá se as reinetas, apesar de

parecerem de lixa por fora, não são melhores do que as vermelhinhas!

— Mas quem teve a culpa foram os pais. Não quiseram saber de lhe preparar um futuro. Mandaram-na para um colégio chique, só para aprender a dançar, a pintar, a falar *franciú*, etc., etc., e ela desavezou-se do trilho cá da aldeia... Por isso já não lhe servia o Luis, que foi sempre bom rapaz, mas tem vivido agarrado aos torrões que os pais amanharam...

— Bom, compadre, há que distinguir! A educação fica bem em toda a parte, se ajudar as pessoas a serem melhores e as preparar, a sério, para a vida. As filhas e mulheres dos lavradores precisam ser tanto ou mais educadas que as outras. O saber não ocupa lugar. Acho que as filhas dos lavradores devem aprender a ser boas donas de casa, a olhar pela boa administração das propriedades, pelo bom arranjo interior, pela contabilidade doméstica, pela roupa, pelos animais, pelos empregados, etc., etc.. Dizia a minha mãe que um homem a deitar para dentro de casa, às carradas, e a mulher a deitar fora, às pázadas, primeiro vencia a mulher que o homem. Por isso, se os pais da Júlia lhe tivessem mandado dar uma educação adequada, mais acomodada à sua esfera, outro galo lhes cantaria já e ela teria, certamente, o bom senso de preferir o Luis ao tal peralvilho da cidade!

— Mas afinal tu ainda não me disseste o que sucedeu à Jujú!

— Ah, é verdade! Pois deixou o marido e estão separados...

— Ora imaginem! E ainda não tinham um ano de casados... Pois é, pois é! O mal foi educarem-na para fidalga, sem se lembrarem de que era preciso, sobretudo, fazê-la boa cristã e boa dona de casa! Agora torcem a orelha, mas não deita sangue...

Correspondência

De Prado

FESTA DA FAMÍLIA — Afim de passarem a Ceia do Natal e Ano Novo, consagrada às Festas da Família encontram-se junto de seus familiares todos aqueles que as circunstâncias o permitiram, os quais se encontram espalhados pelo Mundo lutando sempre com a ânsia de colocarem a sua terra Natal no grau que merece, visto ser dotada pela natureza uma das mais belas do continente português, sendo por alguém classificada como Suíça Portuguesa. — Tudo progride!...

E para o provar basta lembrarmos-nos do que era este torrão sagrado do Alto Minho há cerca de 40 anos e o que é hoje!... Veem-se excelentes vivendas, as mais modernas possíveis, umas melhoradas e outras construídas de novo, em terrenos que herdaram dos seus antepassados, põe de parte o valor localivo, o que desejam é dar esse valor à terra onde nasceram, visto ser seu desejo passar os últimos dias e repousar junto dos seus antepassados; aqueles que nada herdaram, mas são naturais daqui compram terrenos por qualquer preço, mandam construir e adornar com os seus jardins e pomares.

Recorda-me com saudade o que era o humilde lugar da Corredoura onde nasci e o que é hoje!... Foram melhoradas, sendo reconstruídas as casas que existiam, como sejam: Casa da Ficho, da Corredoura, da Barronada da Serra e tantas outras, as quais pertenceram, respectivamente aos saudosos, Manuel Lourenço, Maximiano Soares Calheiros, Hermenegildo José Solheiro e D. Elvira Gomes Pinheiro, hoje aos seus herdeiros que são assinantes deste quinzenário, que a seguir transcrevo com o máximo prazer os seus nomes: Martins Lourenço, D. Amélia Lourenço, Manuel Augusto Gonçalves, Lindolfo Gonçalves, Armando da Mota Solheiro, Herculano Arsénio Gomes Pinheiro e D. Ana Gomes Pinheiro, os quais são dignos dos maiores louvores, pois não só as reconstruíram como as embelezaram com os seus jardins e pomares. E com o máximo prazer que publico os seus nomes, visto fazerem parte da família de Prado, a qual tem por lema a união de todos e ainda seria com maior prazer que todo o conceito seguisse o nosso exemplo, pondo de parte certas intrigas que o seu fim é provocar a desunião, para se conseguir um lugar de destaque. Não é necessário dizer mal dos outros, o que é necessário é provar que somos dignos de o ocupar para bem de todos e Bem da Nação.

Que bom seria que a família de Melgaço, se unisse e seguisse a verdadeira moral cristã, ou se-

OS 50 MILHÕES DA TALUDA DO NATAL CASA DA SORTE

foram distribuídos aos balcões da

que vendeu igualmente os
TERCEIROS PRÊMIOS

SORTES GRANDES — 16 335

50.000 CONTOS

3.º PRÊMIOS — 4.226-1.000 CONTOS

MAIS DOIS NÚMEROS COM A SORTE DA

CASA DA SORTE

onde devem habilitar-se, quanto antes, aos

12 MILHÕES

da próxima

LOTARIA DOS REIS

CASA DA SORTE

A CASA QUE FAZ MULTIMILIONÁRIOS

De S. Paio

Cá se encontra o sr. António Augusto Gonçalves Ribeiro que faz serviço no Tribunal do Trabalho na 3.ª Vara de V. N. de Famalicão, o qual veio visitar o seu querido tio que nunca deixou de o visitar.

— Já regressaram de França de visitar as suas famílias os srs. Manuel Vicente Pereira, Fernando Pereira queridos filhos de José Amaro Pereira e de Sara Alves da Carpinteira, e também do mesmo lugar chegou Manuel An-

tónio Almeida, onde todos vieram dar muita alegria às suas famílias.

Também chegaram ao lugar da Veiga, os srs. Manuel Caldas Fernandes de visita a toda a família e que venha com saúde, que faz falta para matar os reços, que se não, não há quem os mate e o sr. António Gomes de visita a sua querida sogra e queridas filha e esposa e cunhada Sara e um Feliz Ano.

Um feliz Ano Novo à Voz de Melgaço e até para o ano, se Deus quiser e desculpem-me todas as faltas, pois para o ano de 1970, hei-de escrever coisas mais interessantes que eu vejo com os meus olhos para a nossa Pátria não andar enganada, que a nossa nação é a mais linda do Mundo porque temos as cinco chagas que nos acompanham. Portugal é católico.

já não fazer aos outros o que não queremos que nos façam, todos nós temos faltas, sendo nosso dever corrigi-las. Se assim procedermos, trabalhamos todos unidos, é de tal união que necessitamos.

Desejo a todos Feliz Natal e um Novo Ano cheio de felicidades.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»

Agência de Viagens "RUMO,"

PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS

Bilhetes de Combóio a preços reduzidos para trabalhadores e familiares

Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA

TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

Renovamos
a cada dia
a nossa tradição
de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

**PINTO
DE
MAGALHÃES**

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM
TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Pelo Hospital e Lar de S. José

(Continuação da 1.ª página)

Lembramos também uma Senhora de Parada, da Aldeia Grande, a sr.ª Maria Rodrigues que nos mandou muita roupa e um cobertor. E o que nos veio de longe: — o sr. Armando Malheiro, da Vila, com sua querida Esposa, trouxe-nos no Verão, lá da cidade de Tours, na França, dois grandes volumes de roupa e calçado. E do Brasil, a sr.ª Professora D. Palmira de Jesus Domingues, de Prado, manda-nos um cheque de 2.000\$00 e mais 417\$00 para Santa Rita. E da África, de um amigo de sempre, mais 500\$00. Parece-nos que o concelho está a viver esta obra que poderia ser muito grande, a obra dos velhinhos, onde temos 20 a descansar.

E a dedicação de amigos das nossas Casas de Caridade, já antiga e sempre presente?

Pois um Lar, onde descansam 20 irmãos nossos, 3 deles entrevadinhos, a dois é preciso dar a refeição, pessoalmente, que eles não podem, é indubitavelmente um poema de amor. Sim, isto é um lindo poema de amor!

Amigos, é obra de Deus e vossa. Obrigado.

Pela Mesa, o

Provedor,
P.º CARLOS VAZ

DONATIVOS

(Continuação da 1.ª pág.)

carne, duma Senhora de Paderne, que soube vieram aqui da sua terra e não pôde estar presente, mais roupa, da Sr.ª D. Gomezinda Sofia de Araújo, da Rua Velha, que na roda do ano sempre se lembra dos nossos pobre-zinhos, mais 100\$00, muita roupa e calçado e, por último, uma boa gabardine que ela muito estimava, por lhe lembrar queridíssima Pessoa de Família, da Sr.ª Professora D. Palmira de Jesus Domingues, de Prado, ausente no Brasil, com palavras de muita estima para a obra dos Velhinhos mais 2000\$00, do Sr. Manuel Fernandes, de Lobio, que agora, infelizmente, nos vai deixar, mudando para Caminha, onde comprou uma quinta, 50\$00 e boa roupa.

Do Sr. Hilário Alves Gonçalves, da vila uma boa lembrança de roupa e calçado.

Do Sr. Amadeu Abílio Lopes e Sua Ex.ª Esposa, do Lar da Saudade, de Chaviães, mais 2000\$. E há tanto tempo já, que nunca faltam com o Seu carinho!

E do Sr. Paulo Martins, de Sante, ausente no Rio, mais 500\$ e 500\$00 para Santa Rita.

Da Comissão Municipal de Assistência, mais 1650\$00.

E do Sr. Miguel Pereira, estimado comerciante em Melgaço uma boa consoada.

O Santo da Quinzena

Circuncisão de Nosso Senhor Jesus Cristo!

(Continuação da 1.ª página)

je? Que sacrificios oferecerás a Deus? Foi por dever que Deus te concedeu mais este ano? Tens direito a mais esta graça? Este novo ano pode ser o último de tua vida. Saúde e força nem sempre são sólidas garantias de longa existência!

Lembra-te da figueira do Evangelho, que o Senhor mandou que fosse cortada, caso não produzisse frutos. Quais são os frutos de virtude e santidade, que produziste até hoje?

Começa hoje mesmo uma nova vida, em Deus e com Deus! Para que na verdade possas ter,

FELIZ — ANO — NOVO

Irmã Maria dos Anjos

E continuaremos, querendo Deus.

Perguntou um dia el-Rei Dom Dinis a Santa Isabel, sua Esposa — que levas aí? — Rosas, meu Senhor, respondeu.

O Amigos, tantas rosas e tão lindas no trazerest! Obrigada! Vamos fazer mais?

Pela Mesa o Provedor

P.º Carlos Vaz

De Chaviães

NO LIMAR DE UM ANO NOVO — De passos vacilantes ainda, eis-nos no princípio de mais um ano. O que findou está presente na mente de todos. Contudo pertence já ao passado. E de olhos postos no futuro, sempre na esperança de um amanhã melhor, que iniciamos este. Bom seria que a humanidade se unisse num ideal de amor fraternal e que na Terra se espalhasse a Paz aos homens de boa vontade.

CHEGADAS — Porque Natal lembra família, carinho e reunião, não faltaram emigrantes na nossa freguesia a festejar, a quadra junto dos seus.

PARTIDAS — Passadas que foram as suas férias, voltou ao ultramar — Moçambique — o reverendo Padre Manuel Armindo de Lima. Sentidamente lhe desejamos muitas felicidades no seu apostolado.

— Regressou a França, após algum tempo de permanência entre nós, o sr. Manuel Oliveiros Domingos.

— Seguiu para Lisboa a menina Maria Alice da Cunha.

ÓBITOS — Faleceu no lugar dos Cotos, no dia 24 de Novembro, o sr. Joaquim Afonso Pereira, de 68 anos de idade, casado com a sr.ª Maria do Carmo Esteves, pai dos senhores Aurélio Afonso Pereira e Miquelina Rosa Pereira. Era sogro do sr. Guilherme José Domingos.

Também no dia 24, se deu o passamento da sr.ª Filomena Rosa Fernandes, viúva de 78 anos, residente no lugar da Cruz. Era mãe da sr.ª Pureza de Jesus Fernandes e sogra do sr. José Afonso Esteves. Os préstimos fúnebres realizaram-se no mesmo dia, e as cerimónias tiveram vasta assistência. Que as suas almas repousem em paz.

Aos familiares o nosso cartão de pêsames.

De Chaviães

(PARTICULAR)

9-12-69

Esta freguesia tem sido muito visitada por indesejáveis animais principalmente para as capoeiras.

Mas sempre se encontram criaturas que nem só defendem as suas aves como também as do próximo e também se não poupam a esforços e despesas: assim começaram a dar os parabéns aos briosos caçadores e lavradores que também sem armas nem paus conseguem apanhá-las.

Começemos: no dia 6 do corrente abateu uma, mas já tem abatido mais, isto neste mês, o nosso amigo António Pinto; no dia 7, o nosso amigo sr. Manuel do Anselmo, abateu outra. Com uma delas andaram umas crianças pelos lugares da freguesia com o tradicional pediteiro de ovos para a raposa. Oxalá fossem felizes que para esse fim fazem despesa e perda de tempo em favor da humanidade.

E por fim, no dia 8, também do corrente, o conhecido Manuel do Alfredo, saiu da sua casa, do lugar do Outeiro e dirigiu-se para o Louridal de Baixo, Quinta da Ex.ª Sr.ª D. Maria de Lourdes Alves com o fim de ver o gado.

Com ele foi um casal de cães. Em dado momento, sentem a cadelinha a latir e diz ele: ali temos raposa. Dirigiram-se para o local e disse para os companheiros. Está dentro deste buraco uma raposa. Resolveram com sachos seguir o esconderijo por todas eles que foram os senhores Manuel Amorim (Capela) Manuel Marques, Joaquim da Silva Teixeira e filho António Araújo Teixeira o do candieiro. Começaram pelas 18.30 até às 21 da noite mas conseguiram tirá-la viva.

Foram corajosos para salvarem as suas aves e as das outras pessoas. Os nossos parabéns.

O Minhoto

Assine

Anúncio e Divulgue

"A Voz de Melgaço,"

Vinho do Porto **BARROS**

De todos

De todos

o mais saboroso

o mais preferido

Lágrima Christi **BARROS** em França o mais apreciado

MELGACENSE!
SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA
no acreditado Restaurante "Snak-Bar,"
Travessa da Queimada
Bairro Alto — LISBOA
Tampico
Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.ª

Carta de Angola ou Diário de um combatente

por **ANTÓNIO JOSÉ DA CUNHA**

(Continuação)

Estes rapazes são na sua quase totalidade, antigos terroristas que desiludidos com o que viram, com a vida que levaram quando guerrilheiros e porque reconheceram que do nosso lado é que está a razão, regressaram e agora votam um ódio de morte a todos aqueles que se encontram na mata a destruir, matar e aniquilar tudo o que é Português.

São no Lutemo vinte e um heróis. Em quase todas as aldeias há antigos inimigos do povo que presentemente colaboram com as N. T. no combate ao terrorismo, o que prova a nossa razão. A população respeita-os, admira-os e sente-se orgulhosa desses homens que souberam ver a tempo a luz da razão.

Sabem que eles estão prontos para em qualquer altura, em qualquer ocasião que necessário se torne, arriscarem a vida para que a tranquilidade reine na aldeia que eles, juntamente com a tropa metropolitana, ajudam a defender. Tive por mais de uma vez ocasião de comprovar o espírito de luta e abnegação destes homens. Para mim, metropolitano, foi um exemplo ver o portugalismo destes homens.

A população, na sua quase totalidade, vive em casas fabricadas com estacas ao alto, betumadas de terra e cobertas de colmo. Algumas famílias vivem em casas já um bocadito melhores, feita de adobes que lhes dão maior robustez e condições de protecção superiores contra as chuvas torrenciais que aqui caem.

Esta população tem as suas autoridades tradicionais — os sobas, aos quais obedecem. Por sua vez estes em número de oito nesta aldeia, obedecem a uma mulher, a regedora, a qual lhes é hierarquicamente superior. Esta mulher, antes de começar o terrorismo era riquíssima. Imaginem que governava uma área sensivelmente igual a metade da Metrópole. Possuía pessoalmente perto de seis mil cabeças de gado bovino, além de enormes extensões de terra cultivada pelos seus vassallos os quais pagavam tributo pela mesma. Presentemente esta mulher, antes tão rica, já nada possui. A sua casa e todos os seus haveres foram destruídos pelos terroristas. Ela abrigou-se no Posto Administrativo tendo assim salvado a vida e a de seu filho o qual se encontra presentemente a estudar em Nova Lisboa.

(Continua)

De Rouças

Dezembro, 29

Faleceu, há dias, na Freira, o Sr. Victorino José Domingues, de Vila do Conde, Fiães, que accidentalmente ali se encontrava, em casa de sua filha Amélia. Foi conduzido para o cemitério de Fiães, tendo-se incorporado no préstito fúnebre muitos vizinhos e amigos. Paz à sua alma e à sua família, os nossos sentidos pêsames.

— Chegou ao lugar de Velheiro o nosso estimado assinante, Sr. José Lourenço e a Cavaleiros, o Sr. Duarte Lourenço, vindo do Canadá. Tem vindo muitos «franceses» passar aqui as festas do Natal e Ano Novo.

Os nossos cumprimentos de boas vindas.

— Estão em vésperas de se realizarem muitos casamentos. Só de Lobio, 5.

— Continua assanhada a gripe e hoje a neve desceu até quase à Igreja.

Dia de Finados

No colega local, como de costume em «jornal auzad para leitores inteligentes», ainda que um bocadinho sob a forma de luva, saíram mais algumas das tantas pedradas com que vai prodigalizando os que não aderiram ao célebre «movimento».

Duas dessas pedradas, mais de garotos, que o não são, saíram no n.º de 10 de Novembro sob a epígrafe: «Dia de Fíeis Defuntos». Assina o sr. F. F. (será o sr. prof. Lourenço?) e apresenta como cabeçalho e a letras gordas: «Pela 1.ª vez o cemitério de Rouças convenientemente limpo e arranjado». Aparecem logo as boas intenções (!!!).

O sr. F. F., desde que o pároco de Rouças tomou posição contrária ao célebre «movimento», tem sido pródigo em intrigas e «incríveis» para com ele e, todavia, se pensasse no bem que lhe fez e no exemplo que tem na família, e nas últimas passagens de classe em Paços, devia estar bem calado, até porque, graças a Deus, as coisas apontadas ao pároco de Rouças nada lhe tiram nem põem, e outras há, respeitantes a um familiar seu que brigam com o cumprimento da sua missão essencial. Que triste e vergonhoso querer atirar pedras quando se tem um telhado tão frágil e um rabo tão cumprido!!

Mas vamos à primeira pedrada. É falsa. Se o sr. F. F. visitasse mais os seus mortos, pelo menos nas festas principais do ano, veria que o cemitério está convenientemente limpo. Nem o cemitério se pode limpar como se corta a barba!

Além do mais o sr. F. F. não é por cá conhecido com tais epítetos, nem consta que tenha pago ao que limpa o cemitério, sinal de que lhe servia como estava. Vem só agora acusar e sem coragem de se desmascarar. Que homem!!!

Quanto às árvores a que se refere devo dizer-lhe que serão cortadas na devida altura e que se o tivesse pedido não lhe teria sido recusado cortar a tal que diz, impediu de uma sepultura ficar com as dimensões completas.

Uma segunda pedrada atira-a quando sob forma enfeitada se refere aos vidros partidos da casa da Mesa. Pena que não tenha encontrado uma explicação no facto de ser impossível controlar todas as crianças da catequese durante os 2 meses de Verão e de todos os domingos do ano.

Em Rouças não há só 8 dias de catequese à pressa como numa freguesia a norte de Rouças!

Com verdade, sr. F. F., poderia dizer que a freguesia não tem de que se envergonhar. Tem Missa dominical nos 3 centros; e todas as capelas de serviço e a igreja estão limpas e decentemente arranjadas; tem a obra de Santa Rita; tem o melhor harmónio do concelho; tem altar para o povo na igreja (vem afim que custa 9 contos) vai tê-lo nas capelas; tem mês do Rosário e das almas, novenas várias; 8 sacerdotes formados com o actual pároco; tem seminaristas catequistas, um grupo coral e gente que sabe respeitar quem os respeita.

Até me admira como o Manuel Caldas ainda não protestou, ele que se diz íntimo amigo do pároco de Rouças! Será que à semelhança dos tentadores do Senhor, e fazendo o que o Senhor não fez, converte as pedras que lança em pão de alimento?

Sr. F. F., porque não se refere às gentes de Alcobaça, de quem seu irmão é pároco, que pedem

uma missa por semana e nada têm, havendo tanto tempo para outras coisas? Porque não faz uma visita à Adedela e não vê o estado do interior da capela, do cemitério e daquela campá que foi posta fora da sacristia e ali está à mercê sabe Deus de quem? Porque não viu como essa boa gente, que estava habituada a catequese diária, andava atarefada nos últimos dias de Setembro porque não sabia como havia de arranjar os vestidos para a 1.ª comunhão das crianças—algumas com mais de 10 anos e uma ou várias com mais de 12 anos!—porque tudo se fez numa só semana e depois de largos anos sem nada ou quase nada?

Porque não se referiu à triste impressão com que ficam os turistas que vão ao convento de Fíeis (ainda lá esteve com 2 em Agosto) ao ver como está sujo e abandonado? E aquele Senhor dos Passos? E o Coro?

O sr. F. F. só acha «incríveis» onde eles não existem. Por isso está certa a interpretação que a gente fez das iniciais F. F., isto é: «Fabricantes de Falsidades», epíteto nada lisongeiro, digamos de passagem, mas que se coaduna com a realidade!

Não me diga, sr. F. F., que, como simples homem, não tinha obrigação de ser mais verídico e de deixar de meter intrigas a quem tanto bem lhe fez.

Como o sr. F. F. é tardo em aprender a lição, cá ficamos à espera de mais «incríveis» para os «sacudir» e «joeirar» como convém.

Até breve.

Carlos Nuno

Autópsia a um grito aflitivo

(Continuação da 6.ª pág.)

Não tenha medo, a casa é de todos.

Vá até lá e cumprimente, não seja ingrato, o Presidente da Câmara, que foi seu benemérito, e grande.

Não se lembra da benemerência que lhe fez? Pergunte, eu respondo, fique descansado.

Aguardo muitas respostas, mas não devo nenhuma.

Vamos terminar as transcrições:

«Dizem-nos que, nas redondezas, foi embargado um muro marginal, de suporte à estrada...»

— O Sr. Dr. Sidónio, então só o sabe porque lho dizem?

O Sr. é um homem curioso!!! Eu digo curioso, outros talvez não fossem tão benévolos.

Informo-o: O muro que a Câmara mandou embargar porque estava a ser construído sem licença e sem respeito pelas distâncias regulamentares, era do Sr. Dr. Sidónio Silvestre da Silva Soares de Sousa.

O Dr. Sidónio do muro, será pessoa distinta do Dr. Sidónio do Colégio? Um sujeito, ou dois sujeitos?

O Sr. Dr. Sidónio e os «colegas» fartam-se de esgaravar à procura de factos do Presidente da Câmara. As pesquisas não têm sido frutíferas. Mesmo o esgaravador mais exímio, não encontra o que não existe. Só recorrendo à calúnia, como já aconteceu.

Sr. Dr. Sidónio, gosta de esgaravar?

Maré de homenagens

(Continuação da 6.ª pág.)

essa especialidade levou a terem de lhe amputar a perna. Porque não o deixam trabalhar no hospital ao menos de manhã?

6—Uma ao P.º Bento, de mãos postas, frente ao Colégio: «Quando poderei entrar? Que mais devo fazer? Ainda não bastam as lampeiras oferecidas, o ter deixado a Tele-escola e o compôr uns versinhos?»

7—Ainda mais uma ao dr. Sidónio, mas de «kafka», com a explicação decente do povo, porque só uma dessas é digna de tanto saber (!!!) e da sua «ruiva afectividade» (!!!).

8—Uma última frente à garagem do prof. Vaz a imortalizar quem o atingiu com um tiro na parte mais «CRIMINOSA» e como aviso para todos os da família do «movimento».

A VOZ

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO SOLICITADOR

★

Largo Hermenegildo Solheiro MELGAÇO

Assine e Anuncie na «A VOZ DE MELGAÇO»

Autópsia a um grito aflitivo

Porque não esgaravava aí no Colégio? Por que não vai até Paços? Até junto da Igreja de Rouças? Etc., etc., etc..

Se este «cataplasma» o não curar dessa raivazinha contra o Presidente da Câmara—o que acredito—continue a gritar:—«Quem nos acode?», para ver se outro, melhor que eu, lhe aplica «zaragatoa» mais eficaz.

Faz parte do «Movimento»? No caso afirmativo, o que é que o gruda aos do «Movimento»?

Resumo, para terminar: Na prosa iraldiqueira, ou (reles, ou pífia, ou aleijada do artigo?) «Quem nos acode?», perneiam a gramática, a lógica e a verdade.

O autor teve uma «virtude»: publicou-o como escrito de pai incógnito.

Virtude? ou covardia?

P. S.—Esta autópsia podia ter a epígrafe: Trágico descarrilamento do Sr. Dr. Sidónio.

António Rodrigues

Assine, Anuncie e Propague «A Voz de Melgaço»,

DR. ALEXANDRE AMORIM
ADVOGADO

Herculano Lima da Silva
SOLICITADOR

Com ESCRITÓRIO nesta vila

Duas lições de Gramática para dois Doutores

1.ª LIÇÃO

Há adjectivos que têm uma forma quando classificam seres do sexo masculino, outra quando classificam seres do sexo feminino: chamam-se biformes. Os adjectivos que têm uma só forma para ambos os sexos, chamam-se uniformes.

Exemplos: *augusto, bento*, são adjectivos biformes; *incongruente* é uniforme.

Portanto, é atropelar a gramática dizer ou escrever: «*atitudes incongruentes*», em vez de *atitudes incongruentes*.

Esta calinada veio na N. de R. ao meu «Desmentido», publicado no «Notícias de Melgaço», de 22 de Junho de 1969. Foi bisada, no mesmo jornal, pouco depois.

Atropelante: O sr. dr. Abel Augusto Vaz.

Atropelada: A Gramática da Língua Portuguesa.

Local do atropelamento: «Notícias de Melgaço».

Motivo: «Imperícia ou negligência».

2.ª LIÇÃO

O substantivo «improvisações» escreve-se com *s* e não com *z*. Veio escrito com *z* no referido jornal, número de 10 de Novembro de 1969.

Atropelante: O sr. dr. Sidónio Silvestre da Silva Soares de Sousa (o sr. 5 s.s.s.s.s.).

Atropelada: A dita Gramática.

Local do atropelamento: o citado jornal.

Motivo: «Ignorância ou desleixo».

* * *

Onde iria buscar o verbo (?) «*ficcionar*» o autor de «*O insólito acontece em Melgaço*», dado a lume, na gazeta referida, em 25 de Novembro do ano findo?

Termo arcaico ou neológico? No primeiro caso, recomendo-lhe, que o deixe em paz, no silêncio dos trastes velhos;

no segundo, que não se esqueça de requerer e registar a patente de invenção.

Não faz falta o «*ficcionar*». Ficção vem do latim *factio*, *fictionis* e *fictio* do verbo *fungo*, que, entre outras, com a significação de fingir.

Quiviu?

Não encontrei o verbo (?) «*ficcionar*» nos seguintes dicionários: *Bivar*, *Moreno*, *Cândido de Figueiredo*, *Morais da Silva*, *Almeida Santos*, *Armando de Lemos*, *Armando de Moraes*, *Verbo* (*Enciclopédia*) *Adolfo Coelho* e *Dicionário Prosdócido*, de João de Deus e António José de Carvalho, etc..

Perterreça ao léxico privativo do sr. dr. Sidónio?

Como vai desculpar-se perante os seus alunos? Não minta que é feio.

Não colunie o tipógrafo, que é uma velhacaria.

* * *

Senhores doutores, tenham cuidado, muito cuidado!

A nódoa sobressai tanto mais, quanto melhor for a fazenda.

Vossas Excelências, porque são doutores, são, ou devem ser, da melhor fazenda intelectual!!!

Horácio escreveu: «Aliquando dormitat Homerus», e Joaquim Capela, versejou:

«A ninguém eu teno inveja, Seja lá pelo que for; Já ouvi dizer asneiras A muito sábio e doutor».

RESUMO:

Atropelantes: Dois Doutores.

Atropelada: A Gramática Portuguesa.

Local do atropelamento: «Notícias de Melgaço».

Mais um exemplo de crítica construtiva — e inofensiva — 2.ª oferta que faço, à mui laboriosa família da «Gráfica Melgacense».

P. S.— Não aponte todas as asneiras, nem sequer as maiores.

Desculpem-me, por favor, os interessados.

2.º P. S.— Peço licença para dar aos dois doutores um conselho grátis: procurem letrarem-se, pois são ainda muito jovens, não se lhes aplica o aforismo: «*burro velho não toma andadura...*» e «*labor omnia vincit*».

António Rodrigues

«A Voz de Melgaço em 1946»

I

A gozar as férias com sua família encontra-se nesta Vila o sr. dr. Henrique Pinto, advogado em Lisboa.

II

A rondar os postos da Portelinha, Castro Laboreiro e Meijoeira, passou nesta vila o Capitão Amadeu César Lopes, Comandante da Guarda Fiscal, em Valença.

III

A caminho da Peneda e, em casa do Rev.º Arcipreste, em Rouças, vimos o P.º Alberto Brás, professor de música no Seminário de Braga.

IV

Foi colocado no concelho dos Arcos de Valdevez o nosso conterrâneo e colaborador, Prof. António da Ascensão Afonso.

V

Evadiram-se da cadeia da nossa comarca alguns presos.

VI

Por iniciativa particular dum sr. Industrial, a quem foi confiado o cultivo dos montes da Gave e Peneda, começou a construir-se uma estrada que sobe de Lamas de Moura às Varandas da Bouça dos Homens, passando perto de Travassos. É um grande melhoramento para a serra e povoações próximas.

(Continua)

Autópsia a um grito aflitivo

«O estilo é o homem»

Buffon

«Claro que isto não é prosa, nem programa, argumento, nem coisa nenhuma; é uma trapalhada sem nexo, que se acredita concebida longe dos bárbaros, por ter saído com certeza do hospital de Rihafoles».

Fialho de Almeida em «Os Gatos»

Das bandas do Colégio — o alcançar da ciência em Melgaço! — onde pontifica, como director, o Sr. Dr. Sidónio Silvestre da Silva Soares e Sousa, vem-nos este grito aflitivo, gritado através das colunas do «jornal audaz...» de 10 de Dezembro de 1969:

— «QUEM NOS ACODE?»

— Eu, Sr. Dr. Sidónio, acudolhe eu.

Conhece-me? Não faz falta conhecer-me.

Não é a pessoa do médico que cura, mas o remédio que receita.

O «cataplasma» que vou aplicar-lhe, vai fazer-lhe bem. Assim o creio. Raivazinha talvez não cure. Haverá, por aí, alguma?

Comecemos a tarefa: O Jornal «Notícias de Melgaço» de 10-12-1969, e sob a epígrafe «Quem nos acode?», diz: «Sempre que nos debruçamos a pensar problemas da administração melgacense somos levados a crer, perante os factos, que a arte da governação municipal é complicada e de realização assaz difícil, reservada a homens excepcionais, aos fora de série...»

Os factos, cuja lógica é irrefutável — contra factos não há argumentos — levaram o articulista a escrever que «a arte da governação municipal é complicada e de realização assaz difícil, reservada a HOMENS EXCEPCIONAIS, AOS FORA DE SÉRIE».

A seguir desdiz: «se nos deixássemos levar pela eloquência muda da realidade visível, assim o criaríamos...» E é um filósofo que faz esta afirmação!!!!

Então há argumentos contra os factos?

E termina o período: «no entanto, conhecendo o que homens de boa vontade vão fazendo reavemos as primeiras conclusões e pomos reservas aos nossos juízos».

Agora os leitores comparem o que vou transcrever com o que fica transcrito:

«Fazer algo e útil e construtivo exige, apenas, a par dum boa-vontade (sic), vislumbrar um pouco o futuro, visionar as necessidades que mais tarde se vão gerar...» Chama-se a isto zangarilhar.

A sua prosa, sr. dr. do cadinho da análise, dá: trapalhada, ou balarhada, ou cambalhada, ou aldrabada, ou salgalhada. Porque não ensaia o estilo poético?

1.º — Faz bem, sr. dr., em reverter as primeiras conclusões e em por reserva aos seus juízos. Nisto estamos de acordo, e, com sinceridade o digo, a afirmação revela algo de «chispa».

2.º — Quais são os «homens de boa vontade que vão fazendo algo de útil e construtivo» na administração melgacense?

Também inclui o Presidente da Câmara? O Presidente da Câmara pertence aos «homens excepcionais, aos fora de série», ou aos «homens de boa vontade»? Ou não pertence à administração melgacense?

Se não o inclui, porque o exclui?

Não é ele capaz de «vislumbrar um pouco o futuro» e de «visionar as necessidades que mais tarde se vão gerar...»?

No caso de resposta negativa, pergunto: Quem é o homem capaz de vislumbrar e visionar? Adivinho a sua resposta, mas não concordo com ela. Tenha paciência. Aceito a discussão.

Continuemos com a transcrição do «Quem nos acode?»:

«No entanto ali — refere-se à zona da Barbosa — tudo se passa como se fosse terra de ninguém; implantam-se casas onde o capricho de cada um o exige, sem obediência a alinhamentos, a normas estéticas ou às mais elementares leis da moderna urbanística».

SR. DR. SIDÓNIO, MENTE. MENTE, SR. DR. SIDÓNIO.

As casas estão implantadas e alinhadas conforme a orientação do Arquitecto Urbanista, Sr. Carlos Carvalho Dias.

«Que planos haverá na Câmara — continua o escriba atrevido — para o futuro daquela zona de expansão da Vila?»

Faz a pergunta, e dá a resposta: «Nenhuns, como o provam as improvisações (sic) apontadas».

«Como se tudo isto não fosse confrangedor, afirmam-nos que a futura e ampla Avenida da Calçada terá uma amplitude — (ampla, amplitude) — de dez metros, somente até à curva da Barbosa (casa da sr.ª D. Maria Teresa), adagando, a partir daí, para oito».

— Quem foi que lhe afirmou tal coisa, Sr. Dr. Sidónio?

O Sr. bebeu em fonte suja e envenenada.

O «compadre, que lhe fez tal afirmação, enganou-o. É dos do «Movimento»?

A futura «Avenida da Calçada» terá uma amplitude de dez metros, sendo seis de faixa de rodagem e dois de passeio para cada lado, não só até ao Colégio, mas até Cavaleiros (Estudo do Sr. Arquitecto referido). Ouviiu, Sr. Dr. Sidónio?

Por que não vai até à Câmara colher informações, antes de rabisar na gazeta?

Tem medo de entrar na Câmara?

(Continua na 5.ª página)

Gralhas do número anterior

Deve ler-se ou escrever-se:

«Alguns reparos a um artigo (?)».

«O insólito acontece...»

«Como não estudou...»

«— Quem nos esclarece?»

«Assim o classificou...»

«Amém» em «À margem dum polémica».

«A fauna destes biltres...».

«A palavra «inclusive» não tem acento».

AO ESCOLHER O SEU BANCO

SEJA EXIGENTE



SE NOS ESCOLHER E NÓS
O TIVERMOS COMO CLIENTE
PODE SER TAMBÉM
EXIGENTE CONNOSCO

BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA

PORTO

POSTO DE CÂMBIOS EM MELGAÇO:

Na Agência de Viagens «RUMO» - Telef. 42442

Maré de homenagens

O colega local, embora com atraso, acenou à hipótese de uma singular homenagem ao sr. dr. Esteves.

A «Voz» já falou oportunamente e a sério. Mas agora, a brincar, propõe as seguintes homenagens:

1 — Uma estátua ao P.º Lourenço em frente à Câmara a marcar a sua irradiação de vereador por «falta de colaboração e obstrucionismo» de então e pela chefia do «movimento» de hoje.

2 — Um busto em Paços e outro na Vila à seriedade profissional manifestada nas passagens de classe deste ano pelos professores Manuel Vaz e José Lourenço.

3 — Uma diante da gráfica, com a cabeça do Director bem visível e com o letreiro: «Ao nosso límpido (ll) director interino porque só a nós permitiu lavar roupa suja com covardia. Total gratidão do «movimento»».

4 — Um busto ao P.º Araújo diante do hospital dizendo em súplica: «Quando me deixam entrar? Já sou «kapelan» do «movimento» e os meus alunos e uns marotos da Vila sabem bem da minha vida. Não me deixam ao menos ser «irmão»?»

5 — Um em Cavaleiros, de frente da casa que foi da sr.ª Silvéria recordando a ilustre intervenção do nosso especialista em fracturas e que com

(Continua na 5.ª página)

Sermões à Caldas

Bravo, Manuel Caldas!

Entraste na gráfica de tamancos e os anjinhos deixaram-te via larga só porque pensaram que ias atacar quem os sacudiu bem. Bravo!

Foi a primeira vez que o jornal da gráfica trouxe uma lufada de ar fresco a respeito do hospital. Bravo!

Chegaste às portas da gráfica e disseste: «Onde estão aí os padres? Venham cá! Vocês não dão esmolas aos pobres. Vocês andam com intriguices e por isso os padres andam pelas ruas da amargura!». Bravo!

E, dirigido ao dr. Abel: «Eu, que sou pobre e tenho que trabalhar no estrangeiro ofereci 20 contos para o hospital. O sr. dr. que o arranja tão facilmente ainda nada ofereceu. Até quando!».

Bravo, Caldas! Assim é que é. Encontraste quem te abriu as portas apesar de os atacares logo de início e como se prova até quanto ao jornal por uma carta tua que pude ler.

Mas que bicho te terá mordido para encontrares intrigas nas minhas respostas?

Então não viste como esperamos mais de 2 meses que a seita denominada «movimento» se calasse e que só saísse para a rua para me defender? Terás lido todos os números do teu actual jornal desde que tomou a direcção interina o sr. dr. Abel? Se os leste, devo dizer-te que então necessitas de novo internamento e operar a vista que deve ver muito mal, e se arranjares quem te opere bem, ainda melhor.

Não me consta que tenhas protestado contra o que o referido jornal tem publicado contra meu padrinho P.º Carlos, de quem te dizes íntimo amigo e a quem pediste que olhasse pelos teus filhos caso tu morresses no hospital em Maio findo. O que escreveste a meu respeito em nada me ofende, até porque nem todo aquele que quer ofende outrem. Para mim, todavia, basta a contradição que existe em ti e a fanfarronice (tua mulher e filhos sabe Deus como vivem!) para te avaliar na justa medida.

No ano passado uma senhora ofereceu 30 contos para o hospital e pediu para ficar anónima; no ano anterior, uma outra, ofereceu 20 contos e quis também ficar anónima. Estes são gestos evangélicos e de verdadeira utilidade. Com eles levam-se avante realizações.

Tudo o resto é meter nariz em vida alheia, coisa muito feia em pessoas de bem e que não sofrem das maleditas da inveja e do obscurantismo.

As tuas «práticas» nem aos anjinhos que te receberam conseguirão converter. E o resto são tretas.

Carlos Nuno

Encontra da Imprensa não Diária

Em Lisboa, durante os dias 11, 12 e 13 de Dezembro, realizou-se o 3.º encontro da Imprensa Não Diária.

Foi um grande acontecimento nacional e dele se esperam grandes soluções.

A VOZ de MELGAÇO

QUINZENÁRIO CATÓLICO E REGIONALISTA

Chefe da Redacção e Editor: CARLOS ANTÓNIO VAZ

Redacção e Administração: RUA DA CALÇADA - MELGAÇO

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

AVENÇA - Custo da Assinatura Anual: 40\$00 - Estrangeiro 80\$00 * ANO XXIII - N.º 441 - Melgaço, 15 de Janeiro de 1970 * Tip. Augusto Costa & C.ª, Lda - Tolel. 22455 - Braga

Ao menos, sérios!

SOMOS pela paz! Gostamos da paz! E por este motivo, devemos duas palavras aos nossos amigos leitores.

O que se tem passado vai por dez meses, nesta nossa bendita terra de Melgaço, a polémica aberta entre os dois quinzenários de Melgaço, desgostam-nos profundamente. Somos pela paz!

Vai por dez meses, que o Notícias iniciou uma campanha contra a Câmara e o Hospital. Em versos malcriados, em prosa, de várias maneiras e modos, e agora e mais logo e depois usando expressões totalmente carecidas de verdade tem procurado enxovalhar-nos.

Na «Gráfica» encontra-se, pelo menos, um sacerdote, o Sr. Padre Bento, que é co-proprietário e é neste jornal que este sacerdote, permite se atacar um outro colega, provedor do hospital.

Onde estavam então aqueles que, doridos, choram agora a divisão do clero?

Quando o Sr. Padre Araújo, de Cubalhão, foi depor no inquérito realizado vai quase por um ano, no hospital, de que é provedor, um sacerdote, seu colega, quem chorou então pela desunião dos sacerdotes?

Quando alguém veio para o cemitério de Rouças, aterrorizado com «pedradas» e procurou depois o jornal de que é co-proprietário o Sr. Padre Bento, quem apareceu a dizer: — homens, cuidado, o pároco da freguesia, nosso colega, pode desgostarse?...

Nós aguentamos pacientemente alguns meses, perante o enxovalho, em que se pretendeu envolver-nos. Depois tivemos de responder. E foi preciso usar uma linguagem que os adversários entendessem.

Aos nossos adversários exigimos limpeza de alma. Não dissemos tudo. Teremos talvez de dizer o resto.

Nós estamos aqui no direito sagrado de defesa.

E nesta luta, temos de ir até onde nos for possível.

Se alguém nos fizesse em correcção, queríamos nos responder como diria o Senhor Jesus, quando afirmou a São Pedro: *porque me tentas, Satanás? E das tuas expressões: — hipócritas, sepulcros branqueados, etc.*

Falar de correcção... Ou o sono foi muito longo, de cerca de dez meses, ou vem para nós com manifesta parcialidade. Não!

Sabemos que há almas boas, de amigos, que rezam, para

que tudo isto chegue ao fim e em bem. Agradecemos-lhe sinceramente.

Agradecemos aos nossos amigos as suas palavras carinhosas e os seus trabalhos pela paz. Faremos da nossa parte, por que tudo isto termine. Mas quando nos atacam, temos de defender-nos. É um direito sagrado.

Da nossa ética jornalística, fala bastante o facto de ainda não termos dito nada sobre os Bombeiros e a Junta da freguesia da Vila, de que faz parte um dos membros da Gráfica. E alguma coisa se poderia perguntar sobre a venda da casa da escola e construção do Bairro para Pobres. Temos uma ética.

Pois somos pela paz. Não ataquem e não atacaremos.

P.º CARLOS VAZ

REALIDADES

Por — DR. ABEL VARELA E SEIXAS

Os homens andavam ávidos por dialogar, isto é, expandirem-se, darem largas à sua imaginação, controversias e todo esse cortejo que compõe os movimentos desta natureza.

Já o pode fazer dentro duma certa medida, relativa, sensivelmente cordata; parece não se sentir ainda satisfeito e desejar mais, muito mais. A ansia e afa, são absolutamente lógicas e aceitáveis, inerentes à condição humana, sempre dotada daquele frenesi insaciável de caminhar mais, cada vez mais para a frente e mais além. E se o não fizesse e desejasse, negar-se-ia a si próprio; não seria digno.

Mas, ou porque já tenhamos visto alguma coisa e ouvido mais, parece que se não preparam muito de feição para quando duma extinção pura e simples, daquilo que pode ser um pequeno travão. A um certo nível e determinado sentido.

Expliquemos: — nós estamos, dedicamo-nos a uma «Imprensa Regional» que, não por vaidade, mas talvez por permanência conhecemos bem nas suas rotas e nos seus anseios; daí o não reconhecemos capacidade a alguns que ora citam a sua volta e ainda há bem pouco tempo eram capazes do troçar do «jornal lá da terra», do seu «escritor», etc.. Gostaríamos que nos apresentassem credenciais e provas de onde viveram e trabalharam. Mas isto é cá con-

O Santo da Quinzena Santa Inês, Virgem e Mártir

Inês nasceu em Roma, descendente de família nobre. Logo que soube avaliar a excelência da pureza virginal, ofereceu-a a Deus, num santo voto. A riqueza, formosura e nobre origem de Inês fizeram com que diversos jovens, de famílias importantes de Roma a pedissem em casamento. A todos Inês respondia que seu coração já pertencia a um esposo invisível a olhos humanos. Do amor ao ódio é só um passo.

As declarações de amizade e afecto dos pretendentes seguiu-se a denúncia, que arrastou a donzela ao tribunal, para defender-se contra a acusação de ser cristã. A maneira por que o juiz a tratou para conseguir a abandonar a religião, obedeceu ao programa costumeiro.

(Continua na 4.ª página)

Fundamentando uma atitude!

A convivência social torna-se impossível quando não existe nas pessoas o mínimo de observância das leis fundamentais do trato humano. Uma dessas leis é a que obriga as pessoas a serem inteiramente verídicas, a narrar os factos tais quais são, sobretudo quando tais factos atingem pessoas às quais devemos favores. Longe de mim querer insinuar que não se diga a verdade se essa verdade vai atingir pessoas que nos serviram; mas quero somente que se temos obrigação de ser verdadeiros muito mais o temos quando em joço pessoas às quais devemos favores.

Sejam os claros!

* * *

Todas estas considerações poderiam vir a propósito do que escreveu em editorial o sr. A. V. referente à tomada da direcção interina do colega local — como linha de rumo — e o que nesse mesmo número já apareceu de sujidade! E a festa continuou no mesmo tom baixo (faz-me lembrar o que António Carlos escreveu em «O Valenciano» sob o título «Termo de fim de festa») e a saída por portas indiscretas!!!

Não fizemos caso do que tocavam esses «pifarinhos» e outros nomes com que «O Valenciano» os cognominou.

Na altura da tomada de posse do Vice-Presidente da Câmara de Melgaço escrevemos um artigo doutrinal intitulado «Diálogo e Unidade» que produziu engulhos no sr. prof. Lourenço a ponto de escrever um tal «Comentando» com que pensava calar de vez «o menino». Parece que errou e quem se calou foi ele. Mais ainda: Não será o sr. Professor Lourenço que vem escrevindo umas coisas que não tem coragem de assinar claramente?

Hoje, embora contrariado, quereria dizer algo da personalidade do sr. prof. Lourenço que, por cima ainda, é Presidente da União (III) Nacional de Melgaço, para que de futuro as nossas respostas aos arrazoados do «movimento» da Gráfica se limitem a isto: «São escritos dos honestos (III) senhores do «movimento»; prestem-lhe a tenção que merecem». E os leitores já saberão que se trata de coisas mesquinhas e baixas de quem não é capaz de fazer algo de construtivo.

Não referirei factos privados mas só aqueles que se ligam com a honestidade profissional ou com o carácter da pes-

soa. E façam-o, para ver se acabamos de vez com a actual situação. «A Voz de Melgaço» tem mais de que falar e com mais interesse para o público.

Do sr. dr. Abel Vaz ocupar-se-ão alguns próximos números que, em transcrição de «O Valenciano», darão o retrato fiel de quem não se quer sujeitar a ser o que é e que toda a gente sabe. Até hoje tem espalhado veneno.

Do sr. dr. Sidónio não quero sequer tocar. Quem escreve «Kafka» retrata-se e, em tais coisas só bolem as moscas.

(Continua na 5.ª página)

O Sr. Presidente da Câmara em LISBOA

Nos dias 22 e 23 de Dezembro, esteve em Lisboa, acompanhado de Sua Ex.ª o Senhor Governador Civil de Viana, que aos problemas de Melgaço, tem ligado a melhor atenção, o Sr. Presidente da Câmara, a tratar de vários assuntos de interesse para o concelho.

Esteve na Direcção Geral dos Serviços Eléctricos, a pedir a participação de várias propostas ali pendentes. Foi informado de que tinha já sido proposta a electrificação de Paderne e parte de São Paio.

Na Direcção do Ciclo Preparatório, foram informados de que o inquérito sobre a Casa para a instalação duma Escola do Ciclo Preparatório em Melgaço, terá prioridade.

Pediu-se a vinda dum técnico, para, no local, se estudarem as devidas soluções, que serão apresentadas pela Câmara, embora a título provisório.

Na Junta Autónoma das Estradas, solicitaram a melhor atenção para alguns problemas pendentes, entre os quais, a construção dos troços da E. N.º 202, entre Lamas de Mouro e Mesio (Arcos de Valdevez) e da E. N.º 301, entre Melgaço (Loja Nova e Gave). Posteriormente, foi enviado um memorial à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, pedindo a construção das vias municipais de maior necessidade do concelho, constantes do plano em curso, umas, e, para inclusão, outras.

Espera-se que a decisão do Governo, de ampliar a rede de estradas nacionais e municipais, beneficie também o nosso concelho.

(Continua na 4.ª página)

Várias Notícias da Vila

Casamento Elegante — No passado dia 1, realizou-se com toda a sumptuosidade na Capela de Santo António dos Capuchos em Monção o enlace matrimonial do sr. José Abraão Alves de Azevedo Rodrigues, funcionário da «Alfaiataria Vilas» desta Vila e Guarda Redes do Desportivo de Monção, com a menina Teresa de Jesus Ribeiro Rodrigues.

Foram padrinhos, o sr. Fernando Araújo Rodrigues e a menina Maria José Rodrigues.

No fim do acto, o cortejo nupcial dirigiu-se para o conceituado Restaurante «Chave d'Ouro» daquela Vila, onde foi servido um lauto e bem requintado almoço a inúmeros convidados que se elevavam a cem pessoas.

Ao gentil casal, que partiu em viagem de núpcias para o Sul do país, desejamos-lhe as maiores felicidades e uma peregrina lua de mel.

Café Estrela — Assumiu a gerência do conceituado «Café Estrela» desta vila, o sr. Joaquim Temporão Simões, natural de Monção.

Por tal motivo, felicitamos o novo gerente, augurando-lhe as maiores facilidades no desempenho das suas funções, no espinhoso cargo.

Dr. Joaquim da Rocha — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. Dr. Joaquim da Rocha Lima, distinto médico em Coimbra. Os nossos cumprimentos.

Augusto Esteves — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Augusto Esteves, Escriturário de 1.ª Classe do Tribunal do Trabalho de Leiria. Os nossos cumprimentos.

Manuel Augusto Lopes — De visita tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Manuel Augusto Lopes, Escriturário de 1.ª Classe do Tribunal Judicial de Santo Tirso. Os nossos cumprimentos.

Aniversário — No passado dia 2, festejou o seu 1.º aniversário natalício, o menino António Maria Serrano Marques Rego Pires, filho do nosso conterrâneo, sr. Engenheiro António Manuel Rego Pires e da sr.ª D. Maria Alexandrina Serrano Marques Pires.

Ao aniversariante desejamos muitas felicidades e que esta data se repita por muitos anos e a seus pais os nossos parabéns.

Casa Pires de Caetano Pires

Material de construção civil, acessórios agrícolas adubos químicos e Tractor aos melhores preços Transporta todos os materiais para qualquer localidade.

PARADA DO MONTE — MELGAÇO

Engenheiro Domingos Manuel Lourenço — Após dois meses de estágio, nas Refinarias e Laboratórios da SUNBURY RESEARCH PETROLEUM COMPANY em SUNBURY - ON - THAMES MIDDLESEX em Inglaterra, regressou a esta vila, o nosso conterrâneo, sr. Engenheiro Domingos Manuel Lourenço, filho do sr. Manuel Lourenço, comerciante desta vila e da sr.ª D. Anália Franco Lourenço.

Ao jovem Engenheiro, que agora se encontra a cumprir o serviço militar na Escola Prática de Infantaria em Mafra, apresentamos os nossos cumprimentos.

António Pires — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Mirandolina Régo Pires, tivemos o prazer de ver nesta vila, de visita à sua família o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. António Pires, residentes em Matosinhos. Os nossos cumprimentos.

D. Idalina Correia Pires — Acompanhada de seus queridos filhos, senhores Engenheiro António Augusto Pires, funcionário superior da «SACOR» e Dr. Júlio Pires, tivemos o prazer de ver entre nós, aonde vieram passar o Natal a nossa conterrânea e estimada assinante, sr.ª D. Idalina Correia Pires, residentes na cidade do Porto. Os nossos cumprimentos.

Falecimento — Na sua residência desta Vila, faleceu no passado dia 27, o nosso conterrâneo, sr. João Caetano de Carvalho (O João Pitães) de 71 anos de idade, casado com a sr.ª Laura Colmeiro, pai do sr. Henrique de Carvalho, (ausente em França) e sogro da sr.ª Rosa de Carvalho. O seu funeral realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento.

A toda a família em luto, apresentamos o nosso cartão de sentidas pêsames.

Dr. Alípio Gonçalves — Acompanhado de sua esposa, sr.ª Professora D. Maria da Paz Figueiredo Gonçalves e filhos, tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo, sr. Dr. Alípio Gonçalves, Notário e Sub-Delegado do Procurador da República em Ponte de Barca. Os nossos cumprimentos.

Assine, Anuncie e Propague "A Voz de Melgaço,"

Engenheiro Fernando Lucena — De visita à sua família, esteve nesta Vila, durante alguns dias, o nosso conterrâneo, sr. Engenheiro Fernando Lucena, finalista do Instituto Industrial de Lisboa. Os nossos cumprimentos.

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência — Seguem com ritmo acelerado, as obras do novo edifício da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência desta vila, que fica situado na Praça da República.

Mimoso de Sousa Cardoso — Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, de visita à sua família, o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Mimoso de Sousa Cardoso, Técnico Verificador das Contribuições e Impostos em Viana do Castelo. Os nossos cumprimentos.

Incêndio — Na noite do dia 1, pelas 6 horas, deflagrou um violento incêndio, num prédio do lugar da Loja Nova desta vila, pertencente ao sr. Horário Vitorino dos Santos Lima, motorista, que causou grandes prejuízos, tendo arido 5 suínos que se encontravam numa corte do referido prédio, o fumeiro total de 2 suínos que há dias tinha abtido e ainda parte do interior da casa.

Compareceram no local os Bombeiros Voluntários desta vila, que extinguíram o fogo. Os prejuízos foram calculados em cerca de 50 contos.

Para o Ultramar — Em missão de soberania, partiu para a nossa província ultramarina de Angola, o nosso conterrâneo, sr. Alferes Miliciano Henrique Lima, filho do sr. João Manuel de Sousa Lima, 1.º Cabo da Guarda Fiscal e da sr.ª D. Nazaréth Ribeiro Lima. Ao jovem oficial, desejamos boa viagem e feliz regresso.

Capitão Augusto Manuel Contente de Sousa — De visita a seus pais, sr. Manuel Contente de Sousa e sr.ª D. Maria Ribeiro Lima Contente de Sousa, tivemos o prazer de ver entre nós o sr. Capitão Augusto Manuel Contente de Sousa. Ao ilustre oficial, apresentamos os nossos cumprimentos.

Alferes Manuel Jaime Fernandes — De visita à sua família, esteve nesta vila durante alguns dias, o nosso conterrâneo, sr. Alferes Manuel Jaime Fernandes, em serviço no Regimento de Engenharia 2 na cidade do Porto. Os nossos cumprimentos.

António Ribeiro — Tivemos o prazer de ver nesta vila, o nosso conterrâneo e estimado colaborador, sr. António Ribeiro, escriturário de 1.ª Classe no Tribunal do Trabalho em Vila Nova de Famalicão. Os nossos cumprimentos.

Dr. Oliveiros Rodrigues
ADVOCADO
Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Banco Fernandes Magalhães

PORTO

SEDE — Rua de Sá da Bandeira, 39 | Telef. 28241/5 } (6 linhas)
DEPENDÊNCIAS — Rua das Flores, 332 | » 29474
Praça Almeida Garrett, 6 | » 21881
17 - Rua de Sá da Bandeira - 19 | » 28241
R. Fernandes Tomás (Edif. 6000) | » 53452
» 28241

LISBOA

FILIAL — Praça D. Pedro IV, 51 e 53
a abrir brevemente) Rua 1.ª de Dezembro, 82

CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E ESTRANGEIRO, destacadamente:
Em MELGAÇO — Casa José Maria Pereira
Em FRANÇA — Banque Nationale de Paris
Na ALEMANHA — Deutsche Bank

A sua vasta rede de instalações próprias e Correspondentes no País e Estrangeiro, aliada a uma prudente e longa actividade bancária permite-lhe executar eficientemente qualquer transferência de dinheiro com um mínimo de encargos.

Promoção — Por despacho de Sua Ex.ª o Senhor Director dos Serviços Florestais e Agrícolas, foi promovido a categoria de 2.ª Classe, o guarda florestal nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Henrique Fernandes Bermudes, que actualmente se encontra a prestar serviço em Friestas, concelho de Valença.

Por tal motivo, desejamos ao nosso amigo e conterrâneo, as maiores facilidades no desempenho das suas funções e os nossos parabéns.

Crime de Infanticídio — Encontra-se na cadeia desta comarca, a fim de aguardar julgamento, por ter praticado o crime de infanticídio, numa criança que no passado dia 16 de Dezembro, tinha dado à luz, a sr.ª Maria Gregório, viúva, de 36 anos de idade, natural do lugar de Portelinha, freguesia de Castro Laboreiro.

A criminosa depois de ter praticado o repugnante crime, enterrou a referida criança numa corte, onde depois de feitas as investigações, confessou às autoridades, que fizeram o seu levantamento, e tomaram as necessárias providências.

Coronel António Santa Clara Ferreira — Após ter passado uma temporada nesta vila, junto de sua família, regressou à sua residência de Faro (Algarve) o sr. Coronel António Santa Clara Ferreira, nosso estimado assinante, acompanhado de sua Esposa e seus sobrinhos, sr. António Monteiro Cerdeira e menina Maria Luísa Monteiro Cerdeira.

Ao ilustre oficial e Ex.ª família, desejamos que tivessem feito boa viagem.

Óscar Marinho — Acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria Armanda da Cunha Esteves Marinho e filho, tivemos o prazer de ver entre nós o nosso conterrâneo e estimado assinante, sr. Óscar Marinho, escriturário de 1.ª Classe do Tribunal da comarca de Benavente. Os nossos cumprimentos.

Doença súbita e mortal — No passado dia 6, foi acometido de doença súbita, pelo que teve que ser transportado ao Hospital Escolar de S. João da cidade do Porto, onde veio a falecer, após ter ali dado entrada, o nosso conterrâneo, sr. Carlos Ricardino de Castro (O Castanha Madura) de 64 anos de idade, natural desta vila e residente há muitos anos na freguesia de Paços deste concelho.

O seu corpo foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

A toda a família em luto apresentamos sentidas condolências.

DR. ALEXANDRE AMORIM
ADVOCADO
Herculano Lima da Silva
SOLICITADOR
Com ESCRITÓRIO nesta vila

Dr. Luís Domingues
CLÍNICA MÉDICA
Rua Formosa, 253 - 2.º - Dt.º
Tel. 29415
PORTO

MELGACENSE!
SE VAIS A LISBOA ALMOÇA OU JANTA
no acreditado Restaurante "Snak-Bar,"
Travessa da Queimada
Bairro Alto — LISBOA
Tampico
Proprietário o Melgacense: JOAQUIM CARDOSO, L.ª

Agência de Viagens "RUMO,"
PASSAGENS AÉREAS E MARÍTIMAS
Bilhetes de Combóio a preços reduzidos para trabalhadores e familiares
Posto de Câmbios do BANCO DE AGRICULTURA
TELEFONE, 42278 — MELGAÇO

CONVERSANDO

À Saída da Missa

(Atrasada na Redacção)

— Ora viva, compadre!
— Adeus! Então ontem, meu maroto, foste-me lá desinquietar, à noite?!
— Eu?!
— Sim, tu! Faze-te de novas agora!... Julgas que eu não te conheci a voz?

Levanta-te lá, senhor, desse banco de cortiça, venha-nos dar a janeira: ou morcela, ou chouriça!

— Então percebeu?!
— Percebi, sim senhor! E ainda vim à janela, para ver se vos via e dar-vos uma pinguita do meu graminês que este ano não é mau de todo...
— A gente teve vergonha!
— Qual vergonha, nem qual carapuça! A gente só deve ter vergonha de fazer o mal. Afinal vocês perderam a pinga, mas também se livraram do sermão!

— Então porquê?!
— Porque vos queria perguntar por que razão vocês lá em casa não apareceram a comungar pelo Natal. Isso é que é uma maneira de celebrar a maior festa do ano!... Bem! Mas o que não se faz no dia de Santa Luzia, faz-se ao outro dia. Temos agora o Ano Bom, é preciso que não faltes! Olha que o dia de Ano Bom deve ser dia de recolhimento, de reparação, de resoluções. Vê quantos favores te fez Nosso Senhor, durante o ano que passou! Livrou-te de tantos perigos, deu-te saúde, não te faltou com o pão de cada dia, pouco que fosse... E, espiritualmente falando, quantos bons pensamentos, quantas confissões e comunhões, quantas boas palavras e acções não te inspirou Nosso Senhor!

— É verdade, compadre, mas a gente é tão imperfeita!

— Pois é, mas não estamos neste mundo senão para nos santificarmos. Por isso, é bom que o primeiro dia do ano comece bem. Tu sabes lá se este ano é o último para ti! Eu nunca oigo dar a meia-noite do dia 31 de Dezembro que não diga: «Quem sabe lá se para o ano que vem serei vivo!» Olha que morrem 76 pessoas por minuto, 4560 por hora, 109440 por dia e 40000000 por ano! Quem te diz que tu não serás do número desses quarenta milhões?!
— Bem pode ser!

— Pois então é preciso examinar a consciência, ver o mal que praticaste no ano passado e tomar a resolução de o evitar no ano que vem. Tu sabes o que fazem todos os comerciantes, neste tempo?!

— Dão o balanço!...
— Ora ai tens! Tu precisas também de dar o balanço à tua vida, à tua consciência, para saberes se ganhaste ou perdeste!

— Afinal estou a ver uma coisa, compadre!

— O que é?!
— É que perdi a pinga, mas não me livreli do sermão!

— Ah, maroto, ainda o dizes?! Agora vê lá, ao menos, se te aproveita!

— Esteja descansado, compadre, que desta vez é a sério! Lá irei comungar, para começar bem o ano. Quanto à confissão...

— Vai de manhã, homem, vai de manhã. Vocês têm a mania de deixar tudo para a própria hora!

— E já agora...

— Já agora o quê?!

— Já que apanhei o sermão, a pinga que não esqueça!

— Pois sim, homem, pois sim! Aparece cá por casa, depois da missa, que, se calhar, apanhas a pinga... e também a chouriça!

Parada do Monte

O tempo — No dia 30 e 31 do próximo passado, caiu uma grande nevada como já muitos anos não caiu outra igual. Em alguns sítios chegou a atingir mais de dois metros de altura. Tem feito um inverno criminal. Vento, neve, chuva e frio.

Falecimentos — No dia 27 próximo findo faleceu o sr. Cândido Pires, do lugar da Trigoeira.

— No dia 2, a sr.^a Josefina Ferreira, do lugar do Carrascal.

— No dia 27, do mês passado, Júlio Domingues, do lugar do Paço.

A todas as famílias enlutadas os nossos sentidos pésames e paz às suas almas.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo feminino, a sr.^a Maria Pires, esposa do sr. José Esteves, do lugar do Paço.

Partida — Para França seguiu o sr. Sérgio Evangelista da Cunha.
— C.

✠ À sombra da Cruz

Confortada com todos os sacramentos da Santa Igreja, faleceu no passado dia 28, na Casa de Saúde da «Ordem da Lapa», na cidade do Porto, onde se encontrava internada a bondosa senhora, nossa ilustre conterrânea,



sr.^a D. Rosa Hermínia Rodrigues Pereira, viúva do saudoso comerciante e proprietário desta Vila, sr. José Maria Pereira.

A extinta, era pessoa dotada de qualidades de carácter, de bondade, que sempre a impuzeram à geral consideração e amizade de que gozava no nosso meio. Finou-se com a idade de 69 anos, causando a sua morte profunda consternação a todos quantos a conheciam ou que com ela privavam.

Era mãe da sr.^a D. Maria Hermínia Pereira Rodrigues, sogra do sr. Manuel Júlio Rodrigues, avó dos srs. Manuel José Pereira Rodrigues; alferes Joaquim António Rodrigues, em serviço na Guiné; Francisco Pereira Rodrigues e da menina Rosa Maria Pereira Rodrigues; irmã do sr. Claudino Augusto Rodrigues e da sr.^a D. Albertina Rodrigues da Silva.

O seu corpo foi trasladado em auto-fúnebre da agência funerária Carlos Vieira, daquela cidade, para a freguesia de Prado, deste concelho, terra donde a extinta era natural e oriunda duma das mais dissiutas famílias da nossa terra, onde se realizou o funeral em que se incorporaram algumas centenas de pessoas de todas as categorias sociais desta Vila, concelho e vários pontos do país e parte do Clero do Arciprestado de Melgaço, ficando o corpo da bondosa senhora, sepultado em jazigo de família.

«A Voz de Melgaço», sensibilizada, apresenta a toda a família em luto, as mais sentidas condolências. — A. P.

Assine e Anuncie na
«A VOZ DE MELGAÇO»

2
PRÉMIOS GRANDES
distribuídos pela

CASA DA SORTE

na Lotaria dos Reis:

97.908 — 3.^o Prémios

400 CONTOS

Dois bilhetes com o Carimbo e a Marca da

CASA DA SORTE

NOS DIAS 16, 23 e 30 DE JANEIRO

LOTARIA POPULAR

4 200 CONTOS POR 300\$00

À venda na

CASA DA SORTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO

EM LOTARIA E TOTOBOLA
AO SERVIÇO DOS PORTUGUESES

De Paços

Sociedade

Falecimento — Depois de ter falecido, na cidade do Porto, veio a enterrar nesta freguesia, Carlos de Castro, do lugar de Campo das Bouças.

Paz à sua alma e pésames à família enlutada.

Visitas — Já regressou ao Porto, José de Jesus Bailão, nosso assinante, que veio visitar sua família, no lugar de Sá.

— Depois de passarem alguns dias junto dos seus, partiram novamente para França, alguns rapazes desta freguesia.

— Esteve junto de sua família, em Belego, o rev. P.^o Manuel Joaquim de Sousa Lobato, digno Professor e Prefeito, do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga. «A Voz de Melgaço» deseja, ao jovem sacerdote e professor, as maiores venturas, acompanhadas de bênçãos divinas.

Gripe — A gripe continua a fazer das suas, nesta freguesia, pois voltam a encontrar-se de novo muitas pessoas doentes, felizmente sem gravidade.

Doente — Continua, infelizmente, há muito, doente, Claudina R. Gomes, dos Casais. Deus lhe fale, ao seu coração. — C.

Aniversários

Fazem anos — Amanhã: D. Maria Ivone Ferreira da Silva Pardal; Dia 17: A menina Isilda de Jesus de Melo Araújo; Dia 18: D. Zulmira da Glória Afonso Ribeiro, e a menina Maria Arminda Dias de Figueiredo, e o jovem Carlos Augusto Alves; Dia 20: José do Nascimento Gonçalves; Dia 21: António Abílio Rodrigues da Cunha; Dia 22: A menina Maria Florinda Lopes de Sousa Cardoso; Dia 24: D. Maria Beatriz Ribeiro de Castro e D. Maria da Paz Soares Calheiros Gonçalves; Dia 25: António Perfeito Soares e Eleutério dos Anjos Golin; Dia 26: O jovem Fernando Nuno Dantas da Costa Afonso; Dia 27: O menino Rernando António do Souto Alves; Dia 28: D. Judit de Barros Durães; Dia 29: D. Maria Júlia das Neves Pinheiro; Dia 30: D. Gracinda Gonçalves e D. Ofélia de La Salette, Reis Gonçalves; Dia 31: Mário Guerreiro Ranhada.

Como a povo fala

A quem disseste o teu segredo fizeste senhor de ti.

Renovamos
a cada dia
a nossa tradição
de bons serviços

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

BANCO PINTO DE MAGALHÃES, S. A.

RUA DO OUVIDOR, 88 — RIO DE JANEIRO



Organização Bancária

**PINTO
DE
MAGALHÃES**

Rua de Sá da Bandeira, 53 — PORTO
Rua do Ouro, 95 — LISBOA
Praça da República — MELGAÇO

AGENTES E CORRESPONDENTES EM
TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

Pelo Hospital O Santo da Quinzena

**Manuel Lira
Ferreira**

(Continuação da 1.ª página)

Ao grande e generoso Benemérito, com o respeito e a homenagem de todos os Pobres que tem procurado o nosso hospital para seu tratamento, o vivo agradecimento da Mesa.

E se alguma lição há a colher é que, em volta desta Santa Casa, e dentro dela, haja respeito, silêncio, carinho e trabalho. Ela é um grande testemunho do coração de todos os Melgacenses. Feri-la é tocar no Senhor, em Seus Pobres.

Pela Mesa, o Provedor
P.º CARLOS VAZ

Do aludido Benemérito, recebemos há dias 3.000\$00 em dinheiro e muita quantidade de gêneros alimentícios.

Também na última descrição que fizemos da vinda ao Lar de São José, dos Senhores Prior e Professor Pinho, de Paderne,

De Rouças

A todos os nossos prezados leitores, desejamos um Ano Novo muito feliz e cheio de bênçãos do Céu.

— Por enquanto, pouco há a dizer: — muita chuva, muito frio e bastante neve. Sabe-se que as carreiras de camionetas para Castro, estiveram interrompidas, por vários dias.

— No dia 21, foi baptizada na nossa igreja, uma menina de nome Maria José, do Fecho, filha do sr. Adão Gomes e de sua esposa, sr.ª Maria Aurora Ferreira Lopes.

Foram padrinhos o sr. Manuel Maria Ramos Nogueira e a sr.ª Maria José Ramos Nogueira, de Prado.

— No dia 25 de Dezembro, o do menino Carlos, da Igreja, filho de Abílio Anibal Rodrigues e de sua esposa sr.ª Margarida Luiz Esteves, agora residentes na Igreja.

Foi padrinho o sr. Anibal Cândido Rodrigues, de Chão da Cancela e madrinha a avó materna, sr.ª Ana Teresa Luiz.

— No dia 1 de Janeiro, o do menino António Manuel, da Verdade, filho do sr. José Costa Cunha, e de sua esposa sr.ª Aurea de Jesus Fernandes, da Verdade.

Foi padrinho o sr. José Pereira, residente na Barbosa, e madrinha a menina Maria Fernanda Fernandes.

— No mesmo dia, o do menino Carlos Alberto, da Quinta, filho do sr. Alvaro Fernando de Sousa e de sua sr.ª Maria Emilia Ribeiro, da Quinta.

Foi padrinho o sr. Padre José Alberto, tio do baptizado e madrinha a gentil menina Cândida Laurinda Alves, estudante, do Rio do Porto.

A todos os neófitos, uma vida cheia de felicidades. Aos pais e padrinhos, os nossos parabéns e que sempre, pela vida fora, possam receber deles, as maiores alegrias, no Senhor.

— É esperado por todo este mês o novo altar da Igreja, que ficará por uns 9.000\$00. — C.

com as gentis meninas que os acompanhavam, faltou dizer que, além de valiosa e generosa oferta em roupas e calçado, ainda nos ofereceram 510\$00 para esta Casa.

A todos só Deus pode pagar. Bem hajam.

Continuaremos, querendo Deus.

P.º CARLOS

"Conheça Melgaço," PAÇOS

Uma das freguesias do concelho de Melgaço, a norte de Portugal, confinando com o rio Minho, nascente com Cristóval, sul com Fiães e do poente com Chaviães. Por ela passa a Estrada Nacional que vai para a fronteira de S. Gregório. Fica a 6 quilómetros da Vila de Melgaço. É seu orago Santa Maria ou Nossa Senhora da Assunção. A mitra apresentava o reitor, que tinha 180.000 reis. Aproveitou do foral que D. Manuel deu a Melgaço em 3 de Novembro de 1513. Era da apresentação da Casa da Brejoeira. Havia nesta freguesia leiras reguengas. Compreende os lugares de Azere, Beleco, Campo das Bouças, Casais, Casal, Corga, Coto, Esporão, Granjas, Merelhe, Outeiro, Pedreira, Sá, Viladraque e Vinhas. Tem a linda capela de N. Senhora de Lourdes junto da estrada de S. Gregório. O seu clima é saudável. Os seus montes têm bastante caça e tem boas vistas para Espanha. Tem uma estrada municipal que parte da Estrada Nacional, Merelhe até Sá, atravessando a freguesia. Foi habitada antigamente pelos gróvios. O vinho produzido nesta freguesia é bom e especialmente o branco. O povo é muito hospitaleiro e a sua maneira de vestir acompanha sempre o progresso do seu vizinho espanhol, bem como a maneira de falar internacional. A maioria emigra para o estrangeiro, principalmente para França. A freguesia precisa de bons fontanários. A sua principal festividade é a Santa Bárbara, que atrai muitos galegos. Tem cerca de 850 habitantes e quase todos de boa estatura.

(Continua)

Annúcie na «VOZ DE MELGAÇO»

(Continuação da 1.ª pág.)

meio em tais ocasiões: elogios, desculpas, galanteios e promessas. Experimentada a ineficácia destes recursos, entravam em cena, imposições, ameaças, insultos, brutalidades. O juiz fez a Inês saborear todos os recursos da força inquisitorial da justiça romana.

Inês não se perturbou. Mesmo quando lhe mostraram os instrumentos de tortura, cujo simples aspecto era bastante para causar espanto ao homem mais forte, Inês olhou-os com indiferença e desprezo. Arrastada com brutalidade ao lugar onde se achavam as imagens de deuses e intimidada a queimar incenso, a donzela levantou as mãos puríssimas ao céu, para fazer o sinal da cruz.

No auge do furor, vendo baldados todos os esforços e posta a ridiculo sua autoridade, o juiz teve uma inspiração diabólica: de mandar Inês a uma casa de pecado. Ela respondeu-lhe: «Jesus Cristo vela sobre mim, sobre a pureza de sua esposa e não permitirá que lha roubem. Ele é o meu defensor e abrigo. Podes deramar o meu sangue. Nunca porém, conseguirás profanar o meu corpo que é consagrado a Jesus Cristo».

A ordem do juiz foi executada e daí a pouco Inês se achava no lugar da perdição das almas. Dos diversos rapazes que lá estavam, só um teve o atrevimento de aproximar-se de Inês, com malignos intuitos. No momento porém

Uma pergunta à Direcção dos Bombeiros Voluntários de Melgaço! ? . . .

Tendo uma família desta Vila, onde todos os membros eram sócios, dessa Corporação, há tempos requisitado a carreta dos Bombeiros de Melgaço, para um funeral, foi-lhe dito terminantemente que a mesma só seria fornecida mediante o acompanhamento do respectivo piquete, tendo eu verificado que há dias, para um funeral no lugar da Adedela, freguesia de Fiães, foi fornecido o «JIPÃO» sem o respectivo piquete, constando até, que não eram sócios.

Pergunta-se: Será que a carreta terá maior valor estimativo que o jipão?

Ou será que o dinheiro dos da Adedela terá mais valor do que o nosso? C. P. R.

em que ia a estender a mão contra ela, caiu por terra como fulminado por um raio. Os companheiros, tomados por grande pavor, tiraram o corpo do infeliz e levaram-no para outro lugar. Não estava morto, como todos supuseram no primeiro momento, mas aos olhos faltou-lhes a luz. Inês rezou sobre ele e a cegueira desapareceu. O juiz profundamente humilhado com esta inesperada vitória da Santa, deu ordem para que fosse decapitada. Ela, sentiu imensa alegria por poder em breve ir gozar da felicidade eterna junto ao seu Deus.

O algoz tinha recebido ordem para antes de executar a sentença de morte, convidar Inês para prestar obediência à intimação do juiz. Feito pela última vez rejeitou o convite com firmeza. Ajoelhando-se, inclinou a cabeça, ao que parecia para prestar a Deus a última adoração aqui na terra, quando o algoz a decapitou!

Santa Inês defendeu heróicamente a virtude da pureza e Deus a defendeu visivelmente.

Se queres conservar a virtude da pureza, fecha os ouvidos às vozes acariciadoras do mundo e fuge das ocasiões!

Santa Inês é a padroeira das Filhas de Maria pela sua pureza angélica.

Irmã Maria dos Anjos

De Castro Laboreiro

EFEITOS DO TEMPO — Esta localidade esteve isolada por um forte nevoão, o maior dos últimos 40 anos, atingindo nesta vila 50 a 70 centímetros e noutros lugares mais de um metro de altura.

Não houve correio durante oito dias devido a estarem interrompidas todas as comunicações rodoviárias. O telefone era o único meio que nos punha em comunicação com o meio exterior.

A população viveu momentos aflitivos devido à falta de pão e de outros alimentos de primeira necessidade.

Uma pequena máquina, limpa-neves, da Direcção das Estradas veio em socorro desta humilde gente, isto é, tentou vir mas só chegou a Portelinha pois a neve era tanta que não pôde chegar a esta Vila e assim a neve só desapareceu quando a chuva a fez derreter, atingindo os ribeiros grande volume de água.

FALECIMENTOS — Em pouco mais de oito dias faleceram nesta localidade quatro pessoas. São elas: Deolinda Mendes, de 83 anos e Carolina Domingues, de 85 anos, ambas do lugar da Vila; Antónia Alves, de 67 anos, do lugar das Ladeiras e Francisco Rodrigues, de 67 anos, do lugar da Portela.

ELECTRIFICAÇÃO — Devido ao mau tempo a S.H.N.P. teve que interromper os seus trabalhos de colocação das linhas de alta-tensão para esta freguesia.

IMPRUDÊNCIA — Morreu um rapaz e outro esteve em perigo de vida por se terem fechado num carro com o motor a trabalhar, dentro de uma garagem,

Por ter entrado para Sócio-Gerente do Restaurante e Bar «Rex», na Rua da Trindade, n.º 1-B, em Lisboa, o sr. Manuel Lira Ferreira, deixou em 2-1-1970, o Restaurante Tavares Rico, onde durante muitos anos foi dedicado funcionário e onde era procurado por todos quantos o estimavam, mas continua muito próximo.

N. da R. — Saudamos e cumprimentamos o nosso estimado e querido Amigo sr. Manuel Lira Ferreira, por esta sua nova vitória, em sua vida e fazemos votos pelas suas felicidades.

Quadra popular

*Não digas que me não amas,
a ver se tenho ciúme;
os laços do amor são chamas,
não queiras brincar com o lume...*

onde não entrava ar, depois de terem regressado de um baile.

Pelas 4 horas da madrugada de hoje, regressavam de um baile Alvaro Enes, do lugar de Assureira, proprietário do automóvel 384-LE-02, marca Renault, de matrícula francesa, Manuel Afonso, desta Vila e Manuel Alves, do lugar de Vizela, todos desta freguesia.

No baile tinham comprado um frango de chorrasco e, quando chegaram a esta Vila, entraram em casa do Manuel Afonso, resolveram comê-lo para beberem uns copinhos que este lhe ofereceu, enquanto iam falando das belas raparigas da Cela de Couselo onde teve lugar o respectivo dancingue.

Terminado o petisco o Afonso convidou os dois colegas a pernoitar em sua casa visto que chovia muito e a caminhada ainda era bastante longa mas eles recusaram dizendo que iam embora. Despediram-se e saíram indo arrumar o carro na garagem que se situa a uns 100 metros da casa do Afonso e quando se preparavam para se meter a caminho começou a chover com mais intensidade. Entretanto aproximavam-se as 5 horas da madrugada. Os dois rapazes resolveram então fechar a porta da garagem, pôr o motor do carro a trabalhar para poderem ligar o aquecimento e meteram-se dentro com as portas e janelas todas fechadas.

O Alves deitou-se no assento de trás e o Enes sentou-se na frente junto do volante e aí adormeceram.

Talvez porque a porta do carro do lado esquerdo não tivesse ficado bem fechada, cerca do meio-dia o Enes já inconsciente encostou-se à porta, esta abriu-se e caiu para fora sem sentidos.

Quando passado algum tempo recuperou os sentidos pôs-se a pé e, olhando para dentro do carro verificou que o seu colega, António Alves, estava já sem vida.

Como pôde procurou dar o alarme acudindo muita gente mas nada puderam fazer do que comunicar o caso às autoridades.

A morte do desditoso rapaz foi muito sentida pois conta apenas 28 anos e tinha regressado há dias de França.

O seu funeral realiza-se depois de amanhã para o cemitério desta freguesia, depois de cumpridas as formalidades da lei. — (C.)

Fundamentando uma atitude!

(Continuação da 1.ª pag.)

Além disso, os alunos já falam bastante e, quando o compadre Francês acordar, vai ser o fim do mundo!!! Deixem-nos, pois, a eles, que se encarregarão de se destruir a eles próprios.

Do sr. P.º Manuel Lourenço, já disse bastante (não disse tudo!) no número anterior e a atitude tomada para com a família Rodrigues — de quem se considerava irmão e filho — é mais que eloquente para qualificar uma pessoa.

No sr. prof. Lourenço, tenho medo de tocar porque me lembro que tem 7 filhos para educar e custa-me referir certas coisas que faço só para o desmascarar de vez e tentar acabar com essa guerra que a ninguém aproveita. Creio, além disso, que uma das maiores faculdades do homem é a que lhe permite arrepende-se do mal feito e encetar novos caminhos.

O colega local tem trazido várias coisas que carecem de exactidão e que parecem ser da autoria do sr. prof. Lourenço. Por exemplo: não lhes parece significativo que ao falar do cemitério de Rouças se fale dum sepultura que «teve de ficar mais pequena por causa de uma árvore» e que essa sepultura seja precisamente a de seus pais? E quem será o autor das críticas feitas ao hospital? Ajudará algo, saber que ele foi perguntar a alguém quantas vezes o provedor tinha usado a ambulância para ir para casa?

E o referente ao sr. dr. Esteves? Poder-nos-à dizer algo do facto de se referir à estadia do carro do sr. dr. nos Bombeiros, de quem o sr. prof. é Presidente?

Pois bem. Começemos pelo sr. dr. Esteves. Foi ele quem tratou dos pais do sr. prof. Lourenço durante largo tempo e eles nada lhe pagaram. Que nome tem quem deve e não paga? Que coragem pode ter para afirmar que ele nada fez pelo concelho? Estarão tão cegos que não consigam ver a

estima em que é tido no concelho?

Outro artigo referente ao hospital e ao seu provedor diz que tudo está num caos, apesar de o seu provedor fazer menos «viagens». Já terá o sr. prof. Lourenço esquecido que pelo menos uma dessas viagens, ao Porto, foi por sua causa? Porque procede assim?

Que qualificação se pode dar a um cavalheiro que cumprimenta um colega, se ri com ele pela frente, e que anda por traz a tentar acabar com ele, como fez V. Ex.º ao sr. prof. Rodrigues, de quem fez acusação que ainda não teve a coragem de apresentar por escrito?

Como qualificam até os ignorantes a quem procede de tal modo?

Supondo ainda que é da sua autoria uma estatística com os números de nascimentos e de internamentos na maternidade do hospital de Melgaço queria perguntar, em primeiro lugar, qual a garantia que possuem, e queria, em segundo lugar, perguntar porque não falou do movimento do banco, cada dia maior, e ao qual atende precisamente o sr. dr. Esteves? Porque não disse o sr. prof. que várias professoras tiveram em 1969 os bebés na Maternidade do hospital de Melgaço e também as esposas do sr. Tenente da Guarda Fiscal e do sr. dr. Carlos, do Colégio? Perante isto, e para uma pessoa inteligente, que significado podem ter as estatísticas? Ou provará o sr. prof. que o hospital repeliu alguém e não recebeu todos os que se lhe dirigiram a pedir os seus serviços? Na liberdade das pessoas não pode tocar e muito menos violentar os pobres. A todos tem servido o melhor que sabe e pode.

Outra pena foi a que o colega local quis dar ao falar a propósito da não admissão de novos irmãos quando aludiu a que talvez a inclusão de elementos sérios e válidos(!) fosse um entrave à Mesa, quando ela, porventura, deslisasse para a desonestidade!

Pois um desses elementos válidos (III) é o sr. prof. Vaz, apresentado para irmão por quem devia pensar melhor: o sr. P.º Manuel Lourenço! Já não se lembraria do tiro que lhe atiraram para a parte «mais criminosas» e de tantas outras coisas?

E que dizer da escola? Oh sr. prof. Lourenço, que fizeram nas últimas passagens de classe na escola masculina de Paços? Fornecer o ponto a alunos e preparar-se para passar uma mala totalmente impreparada, é bonito? Ainda bem que o sr. Director Escolar remediou, obrigando a 2.ª prova e reprovando a maior parte! Oh justiça, onde tu foste parar!! Sentem-se vômitos de náusea ao ouvir certos senhores falar de seriedade e honestidade!!! Sente-se estupor ao ver que pessoas, com mancha na vida passem incólumes e continuem a ocupar os mesmos postos sem um mínimo de castigo. Porque não pede verdadeira justiça sr. prof. Lourenço? Não é «incrível» o caso do professor em passagens de classe?

E V. Ex.º que gosta de esgaravatar (não é V. Ex.º?) na vida dos outros, porque não diz ao concelho que o seu colega de mesa, na U. N. não reside em Penso, como deve? E na União... Nacional? Como vai a harmonia com os 4 vogais? E, com o Presidente da Câmara? Quando terá o bom senso de se demitir «a tempo» já que quem de direito tarda demasiado em fazê-lo, talvez porque espera que o sr. o faça?

Esperemos, todavia, que um verdadeiro arrependimento o faça ressuscitar. Até lá limitar-me-ei a dar a verdadeira versão dos factos, quando falsos, e a «despachar» qualquer «incrível» com um simples: «são coisas do sr. prof. Lourenço».

Aos amigos leitores fica dada a explicação da nossa atitude futura, que esperamos seja conforme ao anteriormente exposto só com a finalidade de fundamentar uma atitude que se torna imperiosa, para a paz e harmonia entre todos os de boa-vontade.

Para um que outro queria lembrar que Cristo chamou os piores nomes aos fariseus, fundando-se só na realidade que eles eram. É que não existe caridade sem verdade, nem paz sem justiça.

CARLOS NUNO

A alguém

Então o «Peixe» comeu a isca e -te no anzol?

Receito-te, para o passado: paciência, resignação.

Para o futuro, não sejas lorpa.

Olha o que diz o Rifoneiro Português: «Amigo de mesa não é de firmeza» e «Os loucos dão os banquetes e os avisados comem-nos».

Aprende.

Um «aperto de mão» do
ZÉ

Inquérito à Distribuição e Serviços

1969/70

Nota para a Imprensa

No prosseguimento da tarefa de obtenção de estatísticas de base vai o Instituto Nacional de Estatística realizar um inquérito ao sector da Distribuição e dos Serviços, o qual será dirigido a todas as entidades, individuais ou colectivas, que se dedicam a actividades comerciais ou de prestação de serviços.

O inquérito reporta-se à actividade exercida no ano de 1968 e abrange todo o território do Continente e das Ilhas Adjacentes.

Está a ser feita uma inquirição postal prévia a cerca de 350 000 entidades (comércio por grosso e a retalho, bancos, seguros, compra e venda de propriedades, transportes, armazém, comunicações, liceus e escolas primárias, hospitalares, e maternidades, bombeiros, cinemas e teatros, etc.), com a qual se procura confirmar os dados respeitantes à identificação das mesmas e obter elementos relativos ao número de estabelecimentos, ao ramo de actividade e ao número de pessoas ao serviço de cada unidade a inquirir.

A partir da segunda quinzena de Outubro serão inquiridos de forma completa mais de 180 000 estabelecimentos, estando incluídos nesse número 140 000 com quatro ou mais pessoas ao serviço, isto é, a totalidade dessa classe de estabelecimentos. Os restantes, em número superior a 40 000, serão estabelecimentos com menos de quatro pessoas ligadas à sua actividade, tendo-se utilizado o método de amostragem para a sua designação.

Para uma operação de tal envergadura o Instituto conta com a colaboração dos Grémios do Comércio, os quais, embora assistidos por pessoal do I.N.E., terão de recrutar agentes locais, centralizar a recolha dos boletins preenchidos e enviá-los ao Instituto.

Os agentes locais, dentro das suas funções, têm de prestar às entidades abrangidas pelo inquérito a assistência necessária para o correcto preenchimento dos boletins, cabendo-lhes ainda proceder à entrega desses instrumentos de notação nos Grémios do Comércio.

A colaboração das entidades particulares que desenvolvem a sua actividade no sector comercial e da prestação de serviços — e que se limita ao

fornecimento dos dados solicitados no instrumento de notação — é obrigatória, mas o I.N.E. espera encontrar o melhor acolhimento e a mais sincera boa vontade em relação a este empreendimento, que visa alcançar objectivos estreitamente ligados ao interesse nacional e à promoção do bem comum.

Além disso, todas as pessoas singulares ou colectivas abrangidas pelo inquérito têm a garantia de uma absoluta confidencialidade para os dados que fornecerem. Os elementos recolhidos não podem ser utilizados para fins fiscais e os funcionários ao serviço do Instituto são obrigados por lei a observar o mais rigoroso segredo estatístico.

“A Voz de Melgaço em 1946”

I

Foi muito bem recebida a notícia de que o sr. Presidente da Câmara, sr. dr. Elísio Pimenta, tratou junto do sr. Governador Civil da suspensão das multas a aplicar em virtude da falta de enxertia da vinha americana.

II

São muitos os homens válidos que agora se têm munido de bilhete de identidade. É grande a leva dos homens válidos que seguem de todo o concelho para as terras de França.

III

O general Franco dirige pessoalmente o ataque ao mercado negro.

IV

...E que terminou na Alemanha o maior julgamento que jamais se há realizado em todos os tempos: o dos criminosos de guerra. O mundo tem assistido a quadros que se não esperavam: — a maneira como a França julgou um velho, que à sua terra deve horas altas de esperança e de glória, o Marechal Pétain (que ainda conserva a ferros, enquanto alguns desertores comunistas franceses já se sentam nas bancadas do parlamento e outros, embora fugazmente já foram ministros...).

V

A Rússia deve também ser julgada. O comunismo russo deve também ser julgado para honra da História e da Humanidade!

VI

...E que as autoridades austriacas informaram o Mundo de que a Rússia lhes levou de 30 locomotivas e numerosos vagões... Nós não nos admiramos... Mas eles estão em Nuremberga a julgar os criminosos de guerra...

VII

...Mas por Deus, não o esmaguem com manifestos e resposões excessivas. Não digam mais que ele abusou da hora que passava. Não pisem o lavrador.

(Continua)

O concelho precisa de saber se:

Foi verdade que o sr. dr. Ribeiro deu voz de prisão, há dias a uma mulher, em plena rua de Melgaço, e averigue-se que palavras esta lhe dirigiu;

Se foi verdade que o sr. Armando, Director do Colégio, encontrou um aluno a ler a «Voz de Melgaço», e com ela lhe bateu no rosto;

Se foi verdade que duas meninas do colégio, alunas do sr. Padre Araújo, de Cubalhão, tiveram de ir para um estabelecimento de ensino de Braga e por que motivo;

Se foi verdade que, há tempos, uma aluna do mesmo colégio, grávida, foi castigada pelo sr. Padre Araújo e que palavras então se lhe disseram;

Se foi verdade que o sr. Padre Araújo, depois de verificar, há dias, que vinte e tal alunos não corresponderam suficientemente à chamada, foram castigados a fazerem 30 cópias da lição, para o dia seguinte, o que levaria, possivelmente, umas 15 horas, só para esta aula;

Se o sr. Prof. Lourenço tem as devidas licenças, para leccionar no Externato;

Porque é que o sr. dr. Ribeiro, médico do Partido de Penso não reside ali e se é verdade que nunca lá residiu e recebe os respectivos honorários.

«A VOZ DE MELGAÇO»

MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO
SOLICITADOR

★

Largo Hermenegildo Solheiro
MELGAÇO

Assine

Anuncie e Divulgue

“A Voz de Melgaço”

À prova, a seriedade jornalística do Snr. Dr. Abel Vaz

Compare, sr. dr., a local do seu «Notícias» com o Auto de «Declarações» a que ela se refere. *Aqui tem a local, em fotocópia:*

«Notícias de Melgaço» de 25-11-1969

Faetos e Comentários

Procedimento ilegal

(Atrazado na Redação)

No dia 8 do passado mês de Setembro compareceu na Câmara Municipal, a mandado do seu Presidente, e a fim de ser ouvido em auto de declarações, o sr. José Augusto de Magalhães Barros, empregado bancário nesta Vila, pessoa respeitadora e respeitável.

Presente à inquirição, orientou o interrogatório o sr. Herculano Arsénio Gomes Pinheiro, antigo secretário da Câmara, hoje aposentado, servindo de escriturário o funcionário José Augusto Esteves.

Por que tal diligência deve ser presidida pelo próprio Presidente da Câmara, Magistrado Administrativo e Autoridade Policial, que apenas pode delegar tais funções no sr. Vice-Presidente, é ilegal a orientação do Interrogatório por um estranho.

Ilegal é a sua simples presença. Ilegal, pois, o que se passou no pretérito dia 8 na Câmara Municipal.

Pessoalmente nada temos contra o sr. Herculano Pinheiro ou quem lhe confiou a missão, mas repudiamos a ilegalidade.

A Dignidade da pessoa humana é sagrada. Respeite-a quem quiser ser respeitado...

Aqui tem, em fotocópia, o «Auto de declarações»:

Câmara Municipal de Melgaço

SECRETARIA
AUTO DE DECLARAÇÕES

No primeiro dia do mês de Setembro de mil novecentos e sessenta e nove, nesta Vila de Melgaço, edifício dos Paços do Concelho e Secretaria da Câmara Municipal onde se encontra o respectivo Presidente, cidadão Manuel José Rodrigues, comigo José Augusto Esteves, escriturário, passou aquele digo escriturário, compareceu: José Augusto de Magalhães Barros, casado, empregado bancário, natural e residente nesta Vila. Interrogado declarou:

«Que não é verdade ter dito que o Presidente da Câmara, Senhor Manuel José Rodrigues, o tinha de autorizado quando, êle declarante, era zelador municipal, pois a verdade é que, em dia que não pode precisar, apenas disse que, tendo levantado um auto de transgressão a um indivíduo que sabe chamar-se Quintas por ter lançado detritos para o caminho que dá acesso à Escola desta Vila, tal auto ficou sem efeito, a pedido de alguém. Contudo disse digo contudo deve afirmar que o referido Presidente mandou dizer que a multa a pagarja ele. E mais não disse.

Para constar se lavrou o presente auto que depois de lido ao declarante e achado conforme o ratifica e vai assinar com ele Presidente e comigo José Augusto

Esteves, escriturário, que o subcrevo.

Manuel José Rodrigues
José Augusto de Magalhães Barros
(Ilegível)

Snr. dr. Abel, tropeça muito, tenha cuidado!!!

Até a data indicada na local, dia 8, está em desacordo com a do auto de declarações, dia 1!!!

«Repúdio» o arrazoado e, com vênia, repito: «A dignidade da pessoa humana é sagrada. Respeite-a quem quiser ser respeitado».

Snr. dr. Abel, o Presidente da Câmara é pessoa humana. Já sabia? Aqui lhe deixo este pequeno troço.

Confio à sua seriedade, à sua inteireza de carácter, a rectificação da local referida.

1.º P. S. — «Atrasado» escreve-se com s e não z, lição gratuita.

2.º P. S. — O snr. dr. escreveu: «Ilegal pois, o que se passou no pretérito dia 8 na Câmara Municipal». Nesse dia, como sempre, passou-se muita coisa na Câmara. Foi tudo ilegal?

ANTÓNIO RODRIGUES

A FAMÍLIA

*Mui cerca do «vinte e sete»
Restaurante de eleição
Mora uma família inteira
A qual não dou afeição.*

*Quem é ela? Pergaminhos?
Isso não vou eu dizer.
Sois leitores «inteligentes»
Já o deveis perceber.*

*Os seus membros têm a graça
De puxar do mesmo lado
Pois se algum descarrilar
Temos o caldo entornado.*

*O pai é bom!! E a mãe?
Pelos filhos se desvela
Desde que — claro está —
Não ponham «roupa à janela».*

*Os filhos acatam ordens
Sem porem cara de réu.
Se algum fala mais alto...
S.S.S.S.S... Aqui, quem manda
sou eu.*

P. S.

*Isto é conto, é irreal
ELA já cá não reside.
S'algum «enfiou barrete»
Valha-me Deus... coincide.*



No dia 31 de Dezembro fez anos o Sr. Dr. Sidónio, Director e Professor do Externato, a quem por tal motivo apresentamos os nossos parabens, com votos de longa vida.

AO ESCOLHER O SEU BANCO

SEJA EXIGENTE



SE NOS ESCOLHER E NÓS
O TIVERMOS COMO CLIENTE
PODE SER TAMBÉM
EXIGENTE CONNOSCO

BANCO DA AGRICULTURA

LISBOA

PORTO

POSTO DE CÂMBIOS EM MELGAÇO:

Na Agência de Viagens «RUMO» — Telef. 42442

À hora do descanso

(Continuação da 1.ª pág.)

O sr. X., caloteiro profissional, com larga «clientela» de Norte a Sul, dizia, numa roda de amigos, e sem corar de vergonha: «Fazer calotes não leva à cadeia».

Todos ouviram em silêncio, o destempêro. Mas, um homem do povo, respondeu-lhe, cantarolando:

«Ó mar alto, ó mar alto
Ó mar alto sem ter fundo,
Vale mais pagar as dívidas,
Que andar nas bocas do mundo».

O caloteiro intelectual (?) carregou o sobrolho, amouu, calou, disfarçou, fugiu.

Comentário mais mordaz que pesaroso de um amigo, em calão de caserna: «Este gajo é um crava!!!».

Gralhas do número anterior

Em «Autópsia...»

Onde se lê: «Snr. dr. Sidónio mente», deve ler-se: «...é atrevido».

Onde se lê: «à procura de factos», deve ler-se: «à procura de faltas».

Em «Duas lições...», deve ler-se: «...do verbo fingo, que, entre outros, tem...»

Em «Maré de homenagens», atraso com s.

Onde se lê: «deste ano», deve ler-se: «do ano findo».

Em «O Santo da Quinzena», deve escrever-se: justiça e não «jutssiga», etc.

REALIDADES

ladeira do Senhor Engenheiro Veloso?

Deixemo-nos de fantasias e palavras bonitas de oratória e doutorais, que esse tempo passou; vamos para o lado prático das coisas e que valorizem o que nos pertence e que a terra possa chamar a si, como mãe amantíssima, filhos válidos que além-fronteiras, procuram o pão que a Pátria lhes não deu e que tantos deles defenderam com o risco da própria vida. E voltarão.

E nós, homens destes baluartes da «Imprensa Regional» constituamo-nos em guerrilhas de «bons e muito cooperadores» como lhes chamou e disse precisar Marcelo Caetano, na última «charla» dita à Nação. (Desculpem se ainda gostamos da linguagem da «Cruzada de Espanha de 1936».)

Esgrimindo, desmascarando, descobrindo maleitas e males.

Cumpriremos assim o nosso dever e missão, servimos a quem devemos servir e talvez contribuamos para o esclarecimento de muitas coisas.

A «Imprensa Regional», está dito e redito além do mais por quem tem autoridade para tal, ser hoje uma Força ao Serviço da Nação, que se não pode dispensar.

Saibamos servi-la e honra-la, evitando intrusos que até nós virão com fins que ainda não atingimos, «jornalistas» que sempre servimos de graça — as nossas terras — e outra coisa se não pretende.

Anuncie em «A VOZ DE MELGAÇO»